Volume V

Seleção de Colunas

José Renato Fusco

Compilado das melhores colunas "Palanque do Zé", publicadas no Jornal "A Bigorna", em 2025.

SUMÁRIO

O DREX será péssimo para você!.....2
Dicas neurológicas para melhorar sua memória.....5
Você sabe o que é obsolescência programada?.....9
Você conhece todas as sirenes da Polícia?.....11
E quando você não sabe que não sabe?.....13
Peguei dengue! 15
Windows 10 perderá suporte em outubro.....16
Quatro questões sobre Hiroshima e Nagasaki.....20
Vamos falar sobre Linux.....23
Terminei o meu processo mais longo.....24
O Brasil não tem chance de dar certo.....26
Você está preparado para IA realistas?.....29
Europa declara guerra às Big Techs.....31
Fahrenheit 451, a distopia virou realidade.....34
O STF e a censura automatizada.....36
Gates publica código-fonte que originou a Microsoft.....39
As inimigas dos Nazistas.....40
1984, a distopia de Orwell.....44
Precisamos falar da sexualização infantil na Internet.....47
O Mínimo Sobre Armas e Cristianismo.....50
A reputação como moeda mais valiosa.....54
Ferdinand Demara é o Grande Impostor.....58
Hackers provocam vazamento em barragem na Noruega.....60
Escrevendo em tempos de Inteligência Artificial.....61
A solidão ideológica nas escolas brasileiras.....64
Hitler, cinicamente, contra o tabaco.....66
Não foi um deslize de Lula. É plano de governo.....69
Esse site é um playground para curiosos.....71
Itamar ameaçou explodir Furnas para afrontar FHC.....73
Guia Michelin: De marketing a ícone gastronômico.....76
Natal na Guerra: A fraternidade na turbulência.....78
Mirante da Pedra do Índio.....80
Joe Girard: O maior vendedor da história.....82
Cérebro não faz autolimpeza sob efeito de remédios para o sono.....85

O DREX será péssimo para você!

O "Digital Real X", popularmente conhecido como "DREX" tem o objetivo de ser uma moeda digital brasileira, que seria produzida e regulamentada pelo Banco Central do Brasil. A intenção do Governo Federal é que ele passe a ser utilizado como uma versão digital do nosso mundialmente conhecido "Real Brasileiro".

De acordo com o Banco Central, as atuais regras que o Governo usa para manter a estabilidade da moeda serão mantidas, mas será possível fazer transações financeiras a partir da plataforma (popularmente chamada de Carteira Digital) que está sendo criada para que o DREX circule.

O Banco Central informa que o DREX será emitido e ficará sob a sua custódia, manterá a cotação do Real físico frente a outras moedas, sua distribuição para o público se dará por intermédio dos bancos e trará maior segurança jurídica e mais privacidade no compartilhamento de dados pessoais.

Ainda conforme o Banco Central, diferentemente do que acontece com o Bitcoin, Ethereum e Binance Coin por exemplo, o DREX contará com o lastro do Governo do Brasil, o que significa dizer que o seu valor corresponde ao da moeda física emitida atualmente.

Dentre os pontos positivos, os apoiadores do DREX afirmam que a moeda digital, justamente por sua natureza, não será impressa, o que implicaria na diminuição de custos de emissão, rapidez nos pagamentos, prevenção contra fraudes e até mesmo ajudaria no combate de atividades ilícitas, pois permite que o Banco Central acompanhe com precisão a localização de cada unidade da moeda, o que desencorajaria atividades ilícitas e facilita o combate aos mais variados tipos de crimes financeiros.

Parece bom, não é mesmo? Só que não. Como tudo vindo do Governo, essa iniciativa traz muitos "senões" que precisam ser explicados. O primeiro deles é que o DREX é totalmente concentrado e, portanto, sob o controle monetário do Governo. Isso possibilita que o Governo saiba exatamente quando, onde, como e com o que você gastou o seu DREX. E, com todas essas informações ele pode, por exemplo, decidir o que você não pode comprar.

Isso não é coisa da minha cabeça e já foi, inclusive, tentado. No final do ano passado, o Supremo Tribunal Federal determinou que o Governo Federal criasse mecanismos capazes de impedir que os beneficiários do Bolsa Família não pudessem

usar o dinheiro com as casas de apostas online, as populares Bets, como você pode conferir neste link:

https://www.metropoles.com/brasil/governo-informa-ao-stf-que-nao-consegue-impedir-bolsa-familia-em-bets.

Na oportunidade, o Governo Federal respondeu que não conseguiria cumprir o quanto determinado pelo Plenário da mais alta Corte de Justiça do Brasil. Escapamos por pouco, mas se o DREX já estivesse disseminado, a resposta seria outra.

Talvez você diga que realmente não é correto a pessoa receber o Bolsa Família, para supostamente prover-se do mínimo, e gastar o dinheiro público com joguinhos online. Mas e se o Governo achar que algo "está caro? ... Então você não compra!". Lula ficaria tentado, você não acha?

Fora que toda essa centralização pode resultar em maior vulnerabilidade a ataques cibernéticos, pois um único ponto de controle é um alvo atrativo para hackers.

Caso use o DREX, você também deve esquecer a sua privacidade, pois estará eternamente sob vigilância governamental, já que eles saberão exatamente qual DREX estará em suas mãos e para onde ele vai. Em regimes autoritários – CLARO QUE NÃO É O NOSSO CASO – tamanho nível de monitoramento pode ser usado para calar opositores, congelar contas daqueles que discordam do Governo e até mesmo para manipular o sistema financeiro nacional como um todo, para consolidar o poder dos que se encontram no topo.

Sob um ponto de vista mais amplo, tanto controle concentrado no Banco Central possibilita que este realize intervenções econômicas que congelem ativos digitais ou restrinjam seu uso, assim como foi feito por Fernando Collor de Melo enquanto passou pela Presidência da República. Só que com mais violência e eficiência ainda...

Noutras palavras, apesar de o DREX ser apresentado com uma roupagem atraente, a verdade é que o Governo Federal quer que lhe entreguemos de bandeja, tanto os nossos dados fiscais quanto o fruto do nosso trabalho e esforço de uma vida.

E essa desgraça não é exclusiva do Brasil, infelizmente. O DREX é apenas uma pequena parte de um projeto global que visa aumentar o controle sobre as populações. Não sou eu que estou dizendo isso. Neste documento sobre o Euro Digital (o DREX deles), justamente isso é mencionado:

https://www.ecb.europa.eu/pub/pdf/scpwps/ecb.wp2351~c8c18bbd60.en.pdf

Por essa, nem George Orwell esperava! Se não sabe do que estou falando, recomendo fortemente que você leia o livro "1984" urgentemente.

Talvez você ache que se eu não confiar no DREX, é só não o usar, não é mesmo? Ocorre que, sejamos realistas, quem somos nós no grande esquema das coisas? E se o Governo decidir que não vai mais imprimir dinheiro? Vamos voltar a fazer escambo?

Veja o exemplo do PIX, que foi uma excelente coisa... você consegue fugir de usá-lo? Até consegue, mas a pressão social é tão grande, que você se vê obrigado a ter uma chave e a pagar coisas usando o sistema, simplesmente porque todo mundo está fazendo o mesmo! Agora, imagine como seria, se o PIX fosse o único meio de pagamento existente? Pois o DREX, a longo prazo, é justamente isso!

Por fim, nesse assunto, esqueça o velho embate Esquerda x Direita – Lula x Bolsonaro. Foi sob o Governo de Bolsonaro que foram autorizados os estudos para o desenvolvimento do DREX, e será sob o Governo de Lula que, em meados do ano que vem, essa desgraça deverá ser lançada. Temos que parar com aquele velho "nós x eles" e nos juntarmos para impedir que percamos mais um bom tanto da pouca liberdade que ainda nos resta, por enquanto.

Dicas neurológicas para melhorar sua memória

Recentemente, li um artigo sobre perda de memória e envelhecimento no The New York Times. Esse é um assunto muito importante, porque como sabemos, a proporção de idosos no

Brasil e no mundo como um todo, tem aumentado significativamente por muitos motivos, mas principalmente em razão da baixa natalidade e alta na expectativa de vida.

Tendemos a acreditar que a memória se deteriora com o envelhecimento, mas essa não é a opinião do Dr. Richard Restak, que é neurologista e professor clínico da Escola de Medicina e Saúde da Universidade George Washington. Para ele, o declínio cognitivo não é inevitável.

Autor de mais de 20 livros sobre a mente, o Dr. Restak tem décadas de experiência no tratamento de pacientes com dificuldades de memória. Em seu mais recente livro, "O Guia Completo da Memória: A Ciência do Fortalecimento da Mente" em tradução livre, ele apresenta estratégias para aprimorar a memória, incluindo exercícios mentais, hábitos de sono e alimentação adequada.

Citada obra ainda não está disponível em português, mas um outro livro do mesmo autor, cujo título é "Mente Saudavel, Mente Brilhante - O Que Fazer Para O Seu Cérebro Trabalhar Com O Maximo De Eficiência" está sendo vendido pela Amazon neste link: https://a.co/d/0isu7ws.

Contudo, a mais recente obra vai além dos métodos tradicionais e explora diferentes aspectos da memória, como sua relação com o pensamento criativo, os impactos da tecnologia e sua influência na construção da identidade. "O objetivo do livro é superar os problemas cotidianos da memória", afirma.

Ele enfatiza, em especial, a memória de trabalho, que se situa entre a memória imediata e a de longo prazo e está relacionada à inteligência, à concentração e ao desempenho. De acordo com o Dr. Restak, esse é o tipo mais importante de memória e deve ser exercitado diariamente.

O neurocientista argumenta que o declínio da memória não é um processo inevitável. No livro, ele apresenta dez hábitos que podem levar à perda ou distorção da memória. Sete desses conceitos foram descritos inicialmente pelo psicólogo Daniel Lawrence Schacter, incluindo os "pecados de omissão", como distração, e os "pecados de comissão", como memórias distorcidas. Além desses, o Dr. Restak adicionou três novos fatores: distorção tecnológica, distração tecnológica e depressão.

Por fim, ele resume: "somos o que podemos lembrar". A seguir, algumas de suas principais recomendações para fortalecer a memória.

Preste mais atenção

Muitos lapsos de memória são, na verdade, falhas de atenção. Por exemplo, esquecer o nome de alguém em um evento pode ocorrer porque você estava distraído conversando com outras pessoas no momento.

Para melhorar a retenção de novas informações, ele sugere associá-las a imagens mentais. Se precisar memorizar um nome, por exemplo, visualize um objeto ou cena relacionada a ele. Ele conta que, ao precisar memorizar o nome de um médico chamado Dr. King, imaginou um médico vestindo um jaleco branco, usando uma coroa e segurando um cetro em vez de um estetoscópio.

Desafie sua memória no dia a dia

Inserir desafios de memória na rotina pode fortalecer essa habilidade. O Dr. Restak sugere, por exemplo, memorizar uma lista de compras antes de ir ao supermercado e tentar lembrar dos itens sem consultar a lista imediatamente, ou cozinhar sem olhar a receita a cada passo.

Além disso, de vez em quando, tente dirigir sem o auxílio do GPS e navegue apenas com base na memória. Um estudo de 2020 indicou que pessoas que usam GPS frequentemente podem apresentar um declínio cognitivo mais acelerado na memória espacial.

Jogue jogos de memória

Jogos como xadrez e bridge são excelentes para a memória, mas há opções mais simples e igualmente eficazes. Um dos jogos favoritos do Dr. Restak para treinar a memória de trabalho é 20 perguntas, no qual um participante pensa em uma pessoa, lugar ou objeto, e o outro deve fazer até 20 perguntas de “sim” ou “não” para adivinhar a resposta. Esse exercício exige que o jogador mantenha todas as respostas anteriores em mente.

Tentar ordenar pessoas, características e cargos, também é uma boa opção. Um exemplo seria citar todos os Presidentes da República desde a redemocratização, seus partidos e seus principais feitos.

Leia mais romances

Um possível sinal precoce de problemas de memória, segundo o Dr. Restak, é a preferência crescente por leituras de não ficção em detrimento da ficção. "As pessoas que começam a ter dificuldades de memória tendem a evitar romances", observa ele.

Isso ocorre porque a leitura de ficção exige um acompanhamento contínuo da história, lembrando detalhes sobre os personagens e os eventos ao longo do enredo.

Reduza o uso da tecnologia

Dois dos "pecados da memória" descritos pelo Dr. Restak estão relacionados ao uso da tecnologia.

O primeiro é a distorção tecnológica, que ocorre quando as pessoas confiam tanto nos dispositivos eletrônicos que deixam de exercitar a memória. "Se tudo está armazenado no seu telefone, você realmente não sabe", alerta.

O segundo problema é a distração tecnológica, que prejudica a atenção e a capacidade de formar novas memórias. "Nos dias de hoje, o maior impedimento da memória é a distração", afirma Restak. Muitas pessoas checam e-mails enquanto assistem a um filme, conversam ou até caminham na rua, o que compromete a capacidade de focar no presente – um fator essencial para a retenção de informações.

Busque ajuda profissional

O estado emocional influencia diretamente a memória. A depressão, por exemplo, pode afetar gravemente a capacidade de lembrar informações.

Isso acontece porque o hipocampo, responsável pela formação da memória, e a amígdala, ligada às emoções, estão interligados. O tratamento da depressão pode ajudar a restaurar a função da memória.

Saiba quando se preocupar

Ao longo de sua carreira, o Dr. Restak foi frequentemente questionado sobre quais lapsos de memória são normais e quais

podem indicar um problema mais sério. Ele ressalta que o contexto é essencial para fazer essa distinção.

Esquecer onde estacionou o carro em um estacionamento lotado é algo comum. Já esquecer como chegou até o estacionamento pode ser um sinal de alerta. Da mesma forma, não lembrar o número do quarto de hotel é normal, mas esquecer o endereço de casa pode indicar um problema mais grave.

De todo modo, se você acredita que está sofrendo um declínio neurológico, é fundamental procurar um médico o quanto antes, para iniciar um eventual tratamento o quanto antes, pois a doença tende a se agravar com o tempo.

Você sabe o que é obsolescência programada?

Essa semana, o smartphone da minha mãe simplesmente parou de funcionar adequadamente. “Do nada”, o Samsung Galaxy S7 Edge dela, deixou de ser compatível com diversos aplicativos.

Como tais aplicativos não foram atualizados, o aparelho não sofreu qualquer tipo de dano ou alteração em sua estrutura funcional ao longo de seus cerca de 10 anos de vida e muito menos nos seus últimos dias, esse é um claro caso de obsolescência programada.

Mas o que é isso?

A obsolescência programada é uma estratégia industrial que visa reduzir intencionalmente a vida útil dos produtos, mesmo havendo tecnologia suficiente para torná-los mais duradouros. O objetivo é incentivar a substituição rápida das mercadorias, impulsionando as vendas e aumentando os lucros das empresas.

Essa prática é mais comum na indústria de eletrônicos, mas também ocorre em outros setores. Registros históricos indicam que a primeira aplicação do conceito de obsolescência programada ocorreu em dezembro de 1924, quando fabricantes estrangeiras de lâmpadas elétricas decidiram reduzir a vida útil dos seus produtos de 2.500 para 1.000 horas de funcionamento. A intenção, claro, foi aumentar a demanda dos consumidores e garantir vendas mais frequentes.

Mas o termo "obsolescência programada", exatamente, surgiu em 1932, quando o corretor de imóveis Bernard London propôs sua adoção por lei para ajudar os Estados Unidos a superarem a crise de 1929. Embora sua proposta não tenha se tornado lei, a prática passou a ser amplamente utilizada pelas indústrias e segue presente até hoje.

A obsolescência programada pode ser classificada em quatro categorias:

Obsolescência artificial: ocorre quando produtos são projetados para falhar após um determinado período ou número de ciclos de uso.

Obsolescência psicológica: ocorre quando um produto ainda funcional é considerado ultrapassado devido ao lançamento de uma versão mais moderna.

Obsolescência tecnológica: acontece quando um dispositivo não suporta novos softwares ou sistemas operacionais por limitações de hardware.

Obsolescência legal: refere-se à proibição de uso de produtos por normas e regulações de segurança.

A prática da obsolescência programada tem diversas consequências negativas, mas dentre as principais estão a de obrigar as pessoas a gastarem mais dinheiro e o descarte constante de produtos, que contribui para a poluição e a degradação ambiental.

Talvez você esteja se questionando se a obsolescência programada não é ilegal. E a resposta varia conforme o país. A França é uma das nações que mais combatem essa prática, aplicando multas e até prevendo prisão para empresas que reduzem deliberadamente a vida útil de seus produtos. A União Europeia e a Itália também possuem legislações protetivas.

Mas no Brasil, ainda não há uma lei específica sobre o tema, apesar de o Código de Defesa do Consumidor impor responsabilidades sobre a qualidade e durabilidade dos produtos. Ainda não é o suficiente, entretanto.

Confesso que sou um grande entusiasta da tecnologia, e nunca dei a oportunidade para as empresas inutilizarem meus equipamentos maliciosamente, mas pessoas como minha mãe, que não são tão consumistas, conseguem nos provar que não realmente precisamos trocar produtos eletrônicos a cada um ou dois anos.

Essas mesmas pessoas, que cuidam do que possuem e não se importam com modismos pontuais, também nos mostram que há um lado obscuro na indústria.

Você conhece todas as sirenes da Polícia?

Que as sirenes da Polícia desempenham um papel fundamental ao alertar pedestres e motoristas sobre a presença de viaturas nas vias, você já sabe.

No entanto, os sons de cada sirene se alternam dependendo da situação, e é disso que nós vamos falar hoje!

Para a maioria das pessoas, os sons das sirenes podem parecer apenas ruídos semelhantes, seja de uma viatura policial, uma ambulância ou um caminhão de bombeiros. Entretanto, para os agentes da lei, essas diferenças são cruciais, pois os informa sobre qual tipo de urgência ou emergência irão encontrar.

E, como você já sabe que informação é poder, vamos conhecer os tipos mais comuns de sirenes utilizadas no Brasil:

Yelp

O Yelp alterna rapidamente entre tons altos e baixos, sendo um dos sons mais frequentes nos sistemas de sirenes policiais. Costuma ser utilizado em conjunto com luzes de emergência piscantes para chamar a atenção dos motoristas à frente.

Geralmente, esse som indica que o veículo à frente deve encostar. O Yelp, por ter rajadas curtas de som, é mais eficaz em áreas urbanas, pois o som reverbera melhor entre as construções, facilitando sua audição.

Wail

Semelhante ao Yelp, o Wail também alterna entre tons altos e baixos, mas em um ritmo mais lento. É amplamente utilizado nos sistemas de controle de sirenes policiais, frequentemente acompanhado por luzes piscantes.

Diferente do Yelp, o Wail possui um som mais prolongado, ideal para áreas abertas, onde pode ser ouvido a longas distâncias. No entanto, não é a melhor opção para ambientes urbanos devido ao seu alcance estendido e menor reverberação.

Hi-Lo

O Hi-Lo possui um som distinto dos anteriores, caracterizado por um padrão "ee-oo-ee-oo" que transmite menor sensação de urgência. Também chamado de sirene de "estilo europeu", é comum em serviços de emergência, como ambulâncias e carros do Corpo de Bombeiros.

Horn

O Horn é um som forte e contínuo, sem variação de tom ou volume. Ele é frequentemente ativado de forma intermitente pelo policial, produzindo um efeito ensurdecedor.

Apesar de estar disponível nos painéis de controle das viaturas, seu uso pode ser menos frequente que os outros sons. No entanto, seu volume elevado e distintivo torna o Horn altamente eficaz para alertas urgentes.

Apesar de as sirenes serem utilizadas principalmente para garantir que os policiais cheguem ao destino com rapidez e segurança, elas auxiliam em abordagens policiais, indicando que um motorista deve encostar, impedem a prática de crimes em andamento e tranquilizar vítimas que aguardam socorro.

Outras aplicações da sirene incluem escoltas de veículos e liberação de vias para outros serviços de emergência. Como mencionado anteriormente, a escolha do tipo de sirene depende do ambiente, da situação e da presença de outros veículos emergenciais.

Embora as variações sonoras possam parecer insignificantes para o público, elas são essenciais para os policiais que trabalham na segurança da sociedade.

E quando você não sabe que não sabe?

Tem coisa que você sabe que não domina. Tipo construir um foguete. Existem outras que você não sabe que conhece, como

por exemplo mexer em um caixa eletrônico de um banco que você não tem conta. Isso é normal e esperado.

A coisa desanda quando nos deparamos com algo que desconhecemos que não sabemos. A pior coisa que tem é o burro com iniciativa. E acontece sempre.

O problema é tão grave que foi até estudado por David Dunning e Justin Kruger. Juntos, eles criaram o que hoje chamamos de "efeito Dunning-Kruger".

Resumidamente, a teoria aponta que pessoas com poucas aptidões em uma determinada área do conhecimento tendem a superestimar suas habilidades no assunto, por pura ignorância, no sentido mais puro da palavra.

Pode parecer apenas uma bobeira de nerds da universidade, mas o efeito Dunning-Kruger é relevante para vários assuntos práticos, pois conhecer os nossos limites nos ajuda a melhorar nossas escolhas, evitando riscos desnecessários e dissabores.

Para Dunning e Kruger, em relação a um assunto conhecido, as pessoas incompetentes irão:

1 - Falhar em reconhecer sua própria falta de habilidade;

2 - Falhar em reconhecer as habilidades genuínas em outras pessoas;

3 - Falhar em reconhecer a extensão de sua própria incompetência e,

4 - Reconhecer e admitir sua própria falta de habilidade depois que forem treinados para aquela habilidade.

Certa feita, Dunning resumiu bem sua teoria da seguinte maneira: "Se você é incompetente, você não consegue saber que é incompetente (...) As habilidades necessárias para fornecer uma resposta correta são exatamente as habilidades que você precisa ter para ser capaz de reconhecer o que é uma resposta correta. No raciocínio lógico, na educação dos filhos, na administração, na resolução de problemas, as habilidades que você usa para obter a resposta correta são exatamente as mesmas habilidades que você usa para avaliar a resposta. Portanto, nós demos continuidade a investigações para apurar se a mesma conclusão poderia ser verdadeira noutras áreas. E para nossa surpresa, era bem verdadeira."

Resumindo: Você não sabe o que não sabe! Para evitar dissabores, sempre desconfie da aparência simples de determinados problemas e questione se você não está sendo estúpido, quando ouve alguém dizer ou fazer algo que você julga como sendo fruto do mais puro suco de estupidez!

Peguei dengue!

Quinta-feira retrasada começou um pouco diferente dos outros dias. Acordei 05:30 da manhã, me vesti, escovei os dentes, tomei café e saí com meu Pai. Nosso destino era Bauru.

Tanto a viagem quanto os afazeres transcorreram de maneira satisfatória. Na volta, decidimos parar para almoçar no mesmo posto de gasolina duvidoso de sempre.

Essa má escolha logo cobrou seu preço.

Cheguei em casa diretamente para onde até mesmo "o Papa vai sozinho". Achei que estava com intoxicação alimentar.

A noite de quinta e o dia de sexta transcorreram bem. Mas foi só. Sexta à noite comecei a ter febre, e aí foi só ladeira abaixo.

Segunda de manhã, finalmente consegui fazer o exame de sangue e foi constatado que eu tinha dengue do tipo leve.

Primeiro que eu não sabia que tinha dengue leve. Segundo que, se esse foi o tipo leve, imagina o tipo grave!

Nesses praticamente 10 dias, já tive desinteria, febre, dor no corpo todo, tosse seca e, sobretudo, um desânimo absurdo. Ainda não estou curado, mas quase.

Essa coluna, muito mais curta que o habitual, serve para te alertar de uma coisa: Não seja a pessoa que tem água parada em casa e que atrasa a vida dos funcionários da Vigilância Sanitária quando eles vêm fazer nebulização e precisam entrar na sua casa... Porque se você for essa pessoa, estará causando dor, sofrimento e até mesmo a morte de outra pessoa.

Dengue é coisa séria.

Windows 10 perderá suporte em outubro

A Microsoft anunciou que o Windows 10 terá seu suporte encerrado no dia 14 de outubro de 2025. Isso significa que a partir dessa data, o sistema operacional não receberá mais atualizações de segurança, correções de bugs ou suporte técnico oficial.

Essa pode não ser uma nota relevante para você, afinal, muitas pessoas ainda utilizam o Windows XP ou o Vista, por exemplo.

E está (quase) tudo bem.

Mas saiba que continuar utilizando qualquer sistema operacional após o fim do suporte pode expor computadores a vulnerabilidades, colocando dados pessoais e profissionais em risco, porque sem atualizações, falhas de segurança descobertas após o término do projeto não serão corrigidas, o que pode facilitar ataques de hackers, roubo de informações e infecção por vírus e malware. E, como você já deve ter percebido, os crimes cibernéticos são a última moda em nossos dias, então não convém você vacilar, não é mesmo?

O Windows 11, claro, é a principal recomendação da Microsoft para quem quer continuar no ecossistema da empresa.

O Problema é o preço da licença do Windows 11 Home (básico), que no Brasil gira em torno de R$ 730, enquanto a versão Pro (completa) pode custar cerca de R$ 1.000. Vale lembrar que tais valores estão sujeitos a variações dependendo do local de compra e de eventuais promoções.

Além do custo, é importante verificar se o seu computador é compatível com os requisitos do Windows 11, como suporte ao TPM 2.0 e processadores mais recentes.

E é justamente por isso, que tanta gente está falando do Linux recentemente. E não é para menos, afinal, trata-se de uma alternativa gratuita, eficiente e segura!

Antes de torcer o nariz e revirar os olhos, saiba que “Linux” não é tudo a mesma coisa, pois não se trata de um sistema operacional, como conhecemos, mas sim de seu “coração”. Ou seja, é a parte do sistema que “conversa” com o hardware do seu dispositivo, e organiza tudo para os programas funcionarem.

O que você conhece como “sistema operacional” é o que chamamos de “Distribuição Linux”, que usa o núcleo Linux junto com vários programas, interface gráfica, gerenciador de arquivos, navegador e outros softwares. É isso que o usuário realmente instala e usa.

Existem inúmeras distribuições Linux, sendo que as mais famosas são Ubuntu, Zorin OS, Fedora e Pop OS.

Em um dos meus dispositivos, estou usando o Zorin OS, mas cada distribuição organiza o Linux de um jeito para atender públicos diferentes: iniciantes, empresas, programadores e etc. Para descobrir qual lhe atende melhor, recomendo que você veja uns vídeos no YouTube, em especial os do canal "Diolinux", que é o principal sobre o assunto no Brasil.

As distribuições acima citadas são amigáveis para usuários domésticos, oferecendo interfaces simples, atualizações constantes de segurança e acesso a milhares de programas livres.

O Zorin OS, mais precisamente a última versão (17.3 Core), foi a minha escolha porque é extremamente amigável, especialmente para quem está acostumado com o visual e a experiência do Windows 10. O sistema é leve, rápido e muito bem-acabado, apresentando um ambiente gráfico elegante e intuitivo.

Um dos grandes destaques do Zorin OS é sua semelhança visual com o Windows 10 e 11, tanto no layout da área de trabalho quanto na forma de navegação entre menus e configurações. Isso reduz drasticamente a curva de aprendizado, permitindo que mesmo usuários que nunca utilizaram Linux antes, consigam se adaptar rapidamente.

Eu não levei nem duas horas para aprender a mexer no sistema todo e nunca fiquei mais de cinco minutos "apanhando" para realizar tarefas "complexas" como deixar as coisas com a minha cara, por exemplo.

Mas, além da facilidade de uso, o Zorin OS se beneficia das vantagens tradicionais de todas as Distribuições Linux: É gratuito, recebe atualizações constantes de segurança, tem uma vasta biblioteca de softwares disponíveis e é conhecido pela estabilidade e resistência a vírus.

Resumindo, o Linux é uma boa alternativa gratuita, mas ainda tem limitações para advogados e profissionais que dependem de softwares específicos.

Isso porque muitos softwares bastante comuns no ambiente corporativo (e jurídico, no meu caso) simplesmente não possuem versões nativas para Linux... Simplesmente porque os seus desenvolvedores não se importam muito com isso, já que cerca de 68% a 72% dos computadores usam uma das versões do Windows, enquanto aproximadamente 15% usam o macOS da Apple e apenas 3%das máquinas usam alguma versão do Linux.

Talvez, nesse caso, o Pacote Microsoft Office seja a ausência mais notável. Embora o Linux ofereça alternativas interessantes como LibreOffice, OnlyOffice e até mesmo o Google Docs, nenhuma delas atinge 100% da compatibilidade com documentos complexos criados no Word, Excel ou PowerPoint, o que pode gerar problemas em arquivos com formatações mais sofisticadas ou macros. A compatibilidade é de uns 98% eu diria. Mas sempre surgem problemas aqui ou ali.

Ah, mas dá para usar o Office Web hoje em dia, talvez você esteja pensando. Sim, dá, mas a Microsoft não traz na web, a versão completa do programa. Se você for um usuário doméstico ou quem sabe até um estudante, isso não será um grande problema, mas se você, assim como eu, precisar usar simplesmente o cabeçalho e rodapé, terá algumas dores de cabeça.

Outros dois programas bem populares que não tem aplicativos próprios para o Linux são o WhatsApp e o Notion, por exemplo, mas nesses casos, a versão web de ambos é bastante satisfatória e me supriram completamente.

"A porca torce o rabo" mesmo, nos programas que são específicos de certas profissões, e não podem deixar de ser usados.

No meu caso em específico, são os softwares jurídicos e assinadores digitais como E-SAJ, PJeOffice, leitoras de token digital e aplicativos de tribunais regionais, que na maioria das vezes são desenvolvidos pensando prioritariamente em Windows.

Embora alguns tenham instaladores para Linux ou alternativas como o Assinador Livre, a compatibilidade nem sempre é perfeita, exigindo configurações técnicas extras, as quais ainda não consegui realizar. Minha meta é tentar superar tais desafios no próximo feriado prolongado, mas confesso ter dúvidas sobre o sucesso da empreitada. De todo modo, prometo contar aqui nesta coluna, o resultado!

Resumindo tudo, o Linux é uma excelente plataforma para navegação, escrita, lazer, estudos e muitas tarefas administrativas, além de ser seguro e gratuito. No entanto, para profissionais do Direito e outros setores que dependem de softwares específicos desenvolvidos exclusivamente para Windows, é preciso avaliar com cuidado a viabilidade da migração. Sei que Web Designers, Arquitetos e Engenheiros também sofrem com problemas semelhantes.

Mas, o mais importante é você parar de achar que o Linux é ruim ou pouco utilizado. Saiba que, até mesmo sem saber, você já está usando um Linux! Sim, é isso mesmo que você ouviu! Seu celular, se for Android, é um Linux. O caixa eletrônico do seu banco usa Linux. O servidor que hospeda seu site, seu e-mail ou até mesmo a sua nuvem de arquivos, também usam Linux!

Ao invés de correr riscos desnecessários ou usar pirataria, abra sua mente aos programas de código aberto! Fará bem para sua mente e para o seu bolso, te garanto!

--- -- ---

Caso queira testar qualquer Distribuição Linux, recomendo fortemente que você assista a este vídeo aqui:

https://youtu.be/bk_aqcFou0k?si=6ZZE1-Xod7cX_ZxE

Para instalar o programa, independente de qual versão você tenha escolhido, será necessário apenas ter conexão com a Internet, um pen-drive de 8 gigas e alguns minutos do seu tempo!

--- -- ---

PS: Faça backup de tudo, antes de se aventurar!

Quatro questões sobre Hiroshima e Nagasaki

A história das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, no Japão, já é amplamente conhecida. Produções como o filme "Hiroshima" retratam com precisão o trabalho realizado por cientistas e engenheiros norte-americanos no âmbito do Projeto Manhattan, que resultou na criação de uma arma devastadora e teve papel determinante no desfecho da Segunda Guerra Mundial.

Estima-se que cerca de 200 mil pessoas tenham perdido a vida em decorrência desses ataques nucleares. Apesar de esse episódio representar um dos momentos mais trágicos da história moderna, ainda existem aspectos pouco esclarecidos sobre os bombardeios e suas consequências. A seguir, são apresentados quatro pontos que permanecem envoltos em incertezas e debates históricos.

A União Soviética talvez pudesse ter encerrado a guerra

É possível que a intervenção soviética tenha sido mais decisiva do que as bombas para o fim do conflito.

A narrativa predominante afirma que os bombardeios atômicos foram o fator que levou o Japão à rendição, encerrando a Segunda Guerra Mundial. Hiroshima foi atingida em 6 de agosto de 1945, e Nagasaki três dias depois, em 9 de agosto. A rendição japonesa foi anunciada em 15 de agosto.

No entanto, um fator muitas vezes subestimado é a declaração de guerra da União Soviética ao Japão, feita em 8 de agosto. Alguns estudiosos argumentam que essa ação pode ter sido o verdadeiro catalisador da rendição japonesa.

Em 1941, Japão e União Soviética assinaram um pacto de neutralidade, que beneficiava ambos os países. Com isso, os soviéticos se mantinham afastados do conflito no Pacífico, permitindo que os Estados Unidos assumissem protagonismo na região.

Contudo, o líder soviético Josef Stalin teria decidido romper esse acordo e intervir militarmente contra o Japão, o que gerou um movimento significativo de tropas soviéticas rumo a territórios japoneses. Essa ofensiva pode ter sido o fator determinante que levou o governo japonês a optar pela rendição.

Os bombardeios podem ter sido desnecessários

A guerra poderia ter acabado sem o uso das bombas atômicas.

As armas nucleares estão entre as invenções mais destrutivas da história da humanidade, capazes de dizimar populações inteiras e arrasar cidades. Embora a visão tradicional atribua às bombas atômicas a responsabilidade direta pela rendição japonesa, há teorias que questionam essa versão.

Alguns historiadores afirmam que o Japão já estava em processo de rendição antes mesmo dos ataques nucleares. Uma das principais evidências nesse sentido é uma carta enviada pelo imperador Hirohito ao líder soviético Josef Stalin, solicitando que ele atuasse como mediador nas negociações de paz com os Estados Unidos.

Essa correspondência foi recebida por Stalin antes da realização da Conferência de Potsdam, que ocorreu entre 17 de julho e 2 de agosto de 1945, com a presença dos líderes das principais potências aliadas. O ataque a Hiroshima ocorreu poucos dias depois, em 6 de agosto, o que sugere que o Japão já demonstrava intenção de negociar sua rendição de forma diplomática, sem necessidade de um ataque nuclear.

Os panfletos de evacuação podem não ter surtido efeito

Os Estados Unidos tentaram alertar a população japonesa, mas os resultados são incertos.

Antes de lançar as bombas sobre Hiroshima e Nagasaki, os Estados Unidos distribuíram panfletos sobre o território japonês com o objetivo de alertar os civis sobre os riscos iminentes e, ao mesmo tempo, pressionar o governo japonês a se render.

Esses panfletos, que continham imagens impactantes e mensagens intimidadoras demonstrando o poderio militar norte-americano, foram lançados em pelo menos 33 cidades do Japão. Além de alertas, eles também listavam possíveis locais que poderiam ser alvos de ataques futuros.

No entanto, permanece a dúvida sobre a real eficácia dessa estratégia. Nem Hiroshima nem Nagasaki estavam incluídas na lista de cidades mencionadas nos panfletos, o que levanta a hipótese de que muitas pessoas não tenham levado a ameaça a sério ou sequer imaginado que suas cidades estivessem em

risco. Em vez de promoverem uma evacuação organizada, os panfletos podem ter contribuído para aumentar o caos e o pânico generalizado entre a população.

Os Estados Unidos estavam preparados para lançar ainda mais bombas

A produção de bombas atômicas não parou após Hiroshima e Nagasaki.

Embora o impacto das primeiras bombas lançadas tenha sido devastador, relatos sugerem que os cientistas envolvidos no Projeto Manhattan podem ter subestimado o poder real dessas armas. Em um artigo publicado em 1946 no Bulletin of the Atomic Scientists, os autores afirmavam: "é duvidoso que as primeiras bombas disponíveis, de eficiência comparativamente baixa e tamanho pequeno, sejam suficientes para quebrar a vontade ou capacidade do Japão de resistir".

Isso indica que os Estados Unidos estavam prontos para prosseguir com os ataques nucleares, caso o Japão não se rendesse. De fato, havia planos concretos para a produção e uso de pelo menos mais sete bombas atômicas, que seriam lançadas até o final de outubro de 1945.

Apesar de o fim da Segunda Guerra Mundial marcar o encerramento de um dos conflitos mais brutais da história, os acontecimentos em torno dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki ainda suscitam questionamentos e discussões profundas, revelando que nem tudo está completamente esclarecido sobre esse capítulo sombrio da humanidade.

Na coluna “Palanque do Zé #350: Windows 10 perderá suporte em outubro”, que você pode ler AQUI, contei que uma das minhas máquinas estava rodando com o Zorin OS, uma distribuição que organiza o Linux de um jeito para atender o público vindo do Windows 10 e 11.

Expliquei que o Linux é uma boa alternativa gratuita, mas que ainda tem limitações para advogados e demais profissionais que dependem de softwares específicos para trabalhar, como Arquitetos, Engenheiros e Designers, por exemplo.

Prometi que contaria se tinha conseguido usá-lo para advogar, e a resposta foi negativa, infelizmente.

Pelo que consegui estudar na internet, é algo possível de ser feito, mas para ser bastante sincero, eu não acho que preciso de mais esse problema na minha vida profissional, que já é bastante complexa.

Mas reafirmo que o Linux é uma excelente plataforma para navegação, escrita, lazer, estudos e muitas tarefas administrativas, além de ser seguro e gratuito. Tanto que não o desinstalei da máquina que comprei para fazer os testes.

Acredito que se você não usa nenhum software muito específico para trabalhar, realmente não há qualquer motivo razoável para continuar no Windows.

Terminei o meu processo mais longo

Essa semana foi especial para mim, lá no escritório. É que consegui terminar o processo mais complexo e longo que já trabalhei um dia.

Por questões óbvias de sigilo profissional, não posso revelar os nomes dos meus clientes, mas a história foi mais ou menos assim:

Em meados de 2015, fui procurado por dois irmãos que eram ainda bem jovens e moradores de outra cidade, e me relataram que tinham um imóvel aqui em Avaré, mas que o mesmo estava "enrolado" por falta de concluir alguns inventários.

Para quem não sabe, o inventário é o processo judicial ou extrajudicial que apura e formaliza os bens, dívidas e herdeiros de uma pessoa falecida, visando à partilha do patrimônio entre os seus sucessores.

Ele é essencial para a transferência legal dos bens, e deve ser iniciado em até 60 dias após o óbito, sob pena de multa.

Pois bem.

Fazendo uma análise profunda do caso, descobri que haviam quatro antepassados dos meus clientes, que já eram falecidos, mas que nenhum dos processos de inventário tinha sido concluído, apesar de todos terem sido iniciados por volta de 1998.

Isso aconteceu por diversos fatores, mas principalmente, porque as pessoas foram morrendo antes de o inventário anterior ter sido concluído, por falta de dinheiro para pagar os impostos devidos ao Governo de São Paulo e porque as duas excelentes advogadas que me antecederam na causa, também morreram.

Hoje, dez anos depois, já posso me considerar um bom Advogado de Inventários porque já fiz muitos, mas não era o caso na época.

E, mesmo assim, meus então clientes e agora amigos, confiaram em mim.

Todos temos a tendência de nos criticarmos severamente e de nos elogiarmos pouco. Acredito que essa ideia nos foi incutida ainda quando crianças, pois nossos pais não queriam que fôssemos arrogantes.

Mas a verdade é que precisamos conhecer os nossos pontos fortes e fracos se quisermos vencer na vida.

Um dos meus pontos fortes é gostar de desafios e saber o que eu não sei, para procurar quem sabe, e fazer o que o que precisa ser feito.

E, para desenrolar esses quatro Inventários, eu contei com a inestimável ajuda de muita gente, em especial do meu Mestre no Direito, o Dr. Cláudio Luiz Vasconcelos Paulucci e a minha Esposa, a Dra. Anelissa Bonifácio Mazetti. Sem eles, a vitória não teria acontecido.

Tem muita gente que acha que os advogados são insensíveis às causas dos clientes. Isso não é verdade. Pelo menos no meu caso e no dos meus colegas de profissão mais próximos. Perdi muitas noites de sono por causa desse processo.

Aproximadamente dez anos depois de ter pegado a causa, que já vinha tramitando há cerca de quinze anos, consegui entregar a Escritura devidamente regularizada do imóvel aos meus clientes. Foi um momento de forte emoção.

E de reflexão: Como pode, vivermos em um país onde um processo tramita por quase 27 anos, para resolver uma questão que é meramente burocrática e que só existe nesse nível de complexidade, para gerar arrecadação de impostos? Enfim, é assim que as coisas são, por enquanto.

Desde uns três ou quatro anos, a realização de Inventário no Cartório se tornou comum e acessível para quase todos os casos. Muita coisa melhorou e se agilizou, mas ainda há bastante a ser feito.

E, é claro que não tenho como terminar essa coluna, sem agradecer aos meus clientes, que confiaram em mim, entenderam a complexidade da causa e acreditaram no processo!

O Brasil não tem chance de dar certo

Sou um patriota convicto, amo o meu País, mas a verdade é uma só: O Brasil não vai dar certo!

O dólar se estabilizou na casa dos R$ 5,65 e ninguém parece se importar com isso! Mas a verdade é que a moeda americana nesse patamar, eleva nosso custo de vida a ponto de ruptura.

Eu poderia dizer que a assinatura do Proton VPN, que uso para me proteger da censura é em dólar... Poderia dizer que a assinatura das melhores Inteligências Artificiais, como ChatGPT, Gemini, Manus, DeepSeek e tantas outras, que me permitem trabalhar mais e melhor, também são em dólar... Mas nada disso vai te convencer, apesar de o Brasil não possuir nem o seu próprio sistema de GPS, porque é incapaz de produzir tecnologia nacional, muito por causa do dólar.

Então vou falar do básico: Com o dólar nas alturas, o pão francês que você consome no café da manhã e a macarronada de domingo na casa da mãe ficam mais caros, porque o Brasil importa cerca de metade da farinha de trigo consumida no país.

O churrasco também fica mais caro, porque apesar de sermos grandes produtores de carnes em geral, mas em especial a bovina, a pecuária brasileira depende de insumos importados como fertilizantes e rações. Além disso, com o dólar alto, exportar se torna mais lucrativo, reduzindo a oferta interna.

O tão cultuado café também não passa incólume, pois por ser uma commodity negociada internacionalmente em dólar, o aumento da exportação reduz a oferta interna e eleva os preços para o consumidor.

Com o dólar alto, andar de carro também fica mais caro, pois a gasolina tem seu preço atrelado ao mercado internacional de petróleo, que é – adivinhem só! - cotado em dólar...

Ah, mas essa da gasolina é fácil de resolver! Vamos comprar carros elétricos! Então, eles também são vendidos em dólar... Fora que parte da energia consumida no Brasil vem de termelétricas que usam diesel, e cujo preço é baseado no barril de petróleo, vendido em dólar. Sem contar que compramos um tanto de energia gerada em Itaipu, do Paraguai. Nem preciso dizer que pagamos em dólar, não é mesmo?

Então vou usar o transporte público, você pensa! Sinto dizer que, ainda assim você dependerá do dólar, pois o aumento nos combustíveis pressiona os custos das empresas de transporte,

que repassam esse aumento aos usuários, senão a conta não fecha no final do mês.

Férias com a família no Nordeste? Esquece! O combustível de aviação é dolarizado, impactando diretamente o preço das passagens!

Bom, mas se for para ficar em casa, seria legal ter uma TV, celular, computador, geladeira e fogão novinhos, né? Ih, rapaz... Não vai dar.

Eletrônicos e eletrodomésticos dependem de peças e insumos importados, com cadeia de produção global fortemente influenciada pelo câmbio. Isso sem falar no transporte, que também é dolarizado.

Nem ouse ficar doente! É que grande parte dos insumos farmacêuticos é importada, especialmente para medicamentos oncológicos e de doenças raras, tornando o setor vulnerável à alta do dólar. Se for preciso uma cirurgia, aí complica mais ainda, porque procedimentos médicos de alta complexidade também estão lastreados na moeda do Tio Sam!

É claro que esses são só exemplos práticos. A maioria dos setores, serviços e produtos que giram nossa economia são dolarizados, uns menos e outros, mais. Mas a verdade é uma só: Ninguém escapa do onipresente United States Dollar!

Mas se essa é uma questão assim, tão importante, podemos presumir que o Governo Federal, que é comandado pelo pai dos pobres, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), está bastante preocupado com o tema e empenhado para resolver a questão, não é mesmo?

Pior que não! Não há um só passo nesse sentido, que não é simples, mas cujo caminho é claro:

- Gastar menos, para baixar impostos;

- Fomentar as exportações e desencorajar as importações;

- Estimular investimentos estrangeiros através de isenção de impostos, estabilidade econômica e respeito aos contratos;

- Comprar ouro e dólares e,

- Ter credibilidade e estabilidade política, evitando a perseguição de opositores e garantindo a governabilidade, para agradar a maioria da população.

Mas o Governo Lula não pensa em nada disso! A opinião deles foi verbalizada pelo próprio Presidente, que disse em uma reunião para empresários, que o "povo pobre" não compra dólar e, sim, comida... Qual a chance de um País governado por alguém que pensa assim, dar certo?

Infelizmente, daqui para a frente, é só para trás, como diz o ditado!

E isso porque não falamos de todos os outros problemas que nos assolam, como a Fraude do INSS, a epidemia das BETS, os casos de corrupção, a perseguição institucional dos que se opõem ao regime instaurado no Brasil e a queimada recorde da Amazônia!

Fiquem tranquilos! O Brasil é o País mais estável do Mundo: Não tem chance nenhuma de dar certo!

Você está preparado para IA realistas?

Nos últimos três anos, testemunhamos uma transformação silenciosa e avassaladora na Internet, por conta das mais variadas formas de Inteligências Artificiais (IA). No início, elas se mostraram bastante competentes para elaborar textos e planilhas, por exemplo. Depois, começaram a realizar tarefas enfadonhas com maestria, e agora estão sendo usadas de maneira bastante eficiente para a produção de materiais audiovisuais.

Isso quer dizer que a forma como consumimos e percebemos conteúdo audiovisual na internet vai mudar muito rápido. Não se trata de anos, mas sim de meses, no máximo. Você já deve ter percebido que vídeos gerados por IA cada vez mais realistas, estão invadindo as redes sociais, não é mesmo?

Ferramentas como o Veo 3, modelo de IA lançado pelo Google, possibilitam a criação de vídeos com efeitos sonoros, ruídos ambientes e diálogos totalmente artificialmente gerados, mas convincentes ao extremo. Não se trata mais de simples animações ou memes amadores: Estamos diante de produções que reconstroem cenários históricos e cotidianos com tamanha fidelidade que até um olhar atento pode ser facilmente enganado.

Admito que essa tecnologia me fascina. A possibilidade de recriar a Idade Média em formato de vlog, ou de explorar eventos históricos com uma riqueza visual inédita, abre portas para experiências pedagógicas, artísticas e culturais enriquecedoras. Se utilizada de forma responsável, com transparência e adequada contextualização, a IA pode se tornar um recurso valioso para a educação e a cultura.

Duvido que você não tenha gostado de “ver” Moisés abrindo o mar ou de Noé “explicando” a razão de não ter colocado os dinossauros na Arca!

Reconheço que o potencial destrutivo dessa hiper-realidade não pode ser ignorado, pois estamos lidando com uma ferramenta capaz de simular discursos de líderes políticos, fabricar escândalos, provocar pânico social e até mesmo desmoralizar figuras públicas com uma verossimilhança quase impossível de ser desmentida a olho nu. O risco de manipulação é inegavelmente imenso.

Nesse contexto, surgem vozes clamando por “Regulamentação das Redes”, que não passa de um termo bonito e politicamente aceito para “censura”.

Como se sabe, a censura é um caminho perigoso e ineficaz, que mais cerceia liberdades do que resolve o problema. A resposta deve vir pelo fortalecimento do senso crítico, da alfabetização midiática e pela imposição de boas práticas no uso dessas tecnologias.

Além disso, há uma questão econômica e cultural relevante: Se a IA passar a gerar filmes, séries e novelas inteiramente autônomas, possibilidade que já desponta no horizonte, isso poderá desestimular a criação humana.

O paradoxo é evidente: Ao aprender a copiar detalhadamente o brilho nos olhos, a textura da pele, a luz filtrada por uma janela etc., a IA se alimenta de conteúdo gerado por pessoas reais. Se os criadores forem desvalorizados ou abandonarem suas atividades, que qualidade de dados a IA terá no futuro? Caso ela comece a se "inspirar" em si mesma, criaremos um ciclo de empobrecimento criativo, o que não deve ser permitido, penso eu.

É evidente que a IA é uma ferramenta maravilhosa e que deve ser amplamente utilizada, em especial para realizar tarefas onde a nossa “alma” não precise estar presente. Mas ela jamais substituirá de maneira condizente, um bom articulista de jornal, as sacadas de um diretor de cinema ou o atendimento empático e humanizado de médicos ou advogados, por exemplo.

Em suma, a inteligência artificial é uma ferramenta formidável. Mas, como toda ferramenta poderosa, seu impacto dependerá fundamentalmente de quem a utiliza — e com que propósito. Estamos diante de uma encruzilhada ética e cultural. Cabe a nós, como sociedade, escolher se faremos da IA um instrumento de enriquecimento cultural ou uma máquina de manipulação e engano.

A única coisa que já tenho razoável certeza, é a de que a IA não vai roubar empregos, mas com certeza irá excluir aqueles que não souberem utilizá-la.

Europa declara guerra às Big Techs

Não é de hoje que a União Europeia está em guerra com as gigantes da tecnologia. Com leis cada vez mais rigorosas, o bloco europeu vem se posicionando contra a concentração de poder nas mãos de empresas como Google, Meta, Apple e Amazon.

Entretanto, mais do que regulamentar e multar pesadamente as chamadas Big Techs, a Europa agora promove ativamente alternativas digitais que priorizam o que seria uma espécie de "soberania tecnológica" na visão deles, pois o objetivo de empresas e governos europeus seria evitar o uso de tecnologias oriundas de outras nações, em especial dos Estados Unidos e China, o que supostamente ajudaria na questão da transparência e dos valores democráticos. Você acreditou? Nem eu.

Muito recentemente, assisti a um vídeo no canal Diolinux, que tratava justamente disso. Todos os links citados nesta coluna estarão disponíveis no final do texto, para não atrapalhar a compreensão do assunto.

De toda forma, iniciativas como a "European Alternatives" e a "Go European" buscam estimular o uso de plataformas digitais e infraestruturas criadas ou sediadas na Europa, propondo soluções que fogem da lógica predatória dos monopólios, enquanto projetos como o "Open Web Search" e o "EU Operating System" apostam na criação de ecossistemas tecnológicos independentes, que supostamente respeitem a privacidade e favoreçam a inovação.

A narrativa é clara: A Europa está travando uma guerra — política, econômica e ideológica — contra o domínio das Big Techs. E embora essa movimentação seja vista com entusiasmo por especialistas e defensores da descentralização digital, é preciso cautela, pois nem toda empresa europeia é automaticamente sinônimo de ética, segurança ou qualidade. O simples fato de uma ferramenta ser "alternativa" ou "local" não garante que ela seja melhor ou mais confiável que uma criada pelas Big Techs.

Muitas vezes, soluções vendidas como descentralizadas ou abertas também possuem problemas de usabilidade, transparência no financiamento ou viabilidade a longo prazo. Além disso, algumas dessas plataformas ainda dependem — ironicamente — de tecnologias das mesmas Big Techs que pretendem enfrentar.

A guerra europeia contra as gigantes do Vale do Silício nos Estados Unidos e da China certamente marca um novo capítulo

na geopolítica digital. Mas, para o usuário comum, a mensagem principal deve ser equilibrada: É essencial buscar alternativas, mas sem ingenuidade. A verdadeira soberania digital exige não só regulação e boas intenções, mas também análise crítica e responsabilidade na escolha das ferramentas que usamos no dia a dia.

Analisando os sites e projetos citados, gostei de algumas coisas que encontrei, principalmente os aplicativos e serviços da Proton, empresa lançada em 2014, após a realização de uma vaquinha virtual, na qual mais de 10.000 pessoas doaram cerca de meio milhão de dólares para viabilizá-la.

Aproximadamente 11 anos depois, a Proton tornou-se a principal empresa de privacidade do mundo, com milhões de usuários pagantes ao redor do globo, inclusive esse colunista.

Escolhi a Proton, por ser uma empresa que se destaca na sua missão de fornecer serviços como VPN, e-mail, nuvem, gerenciador de senhas e calendário, sem se apossar de meus dados pessoais e o de meus clientes, por ser sediada na Suíça, nação que mais respeita a privacidade no mundo. Na prática, isso quer dizer que o Governo não irá determinar que eles “forneçam em 24 horas” os meus dados, como acontece num certo País, com bastante frequência.

Outro aplicativo que gostei bastante é o da Mailfence, empresa fundada em 1999 e que oferece um serviço totalmente dedicado à privacidade do e-mail, pois todas as mensagens são criptografadas e com assinaturas digitais.

Interessante falar também, dos serviços (pagos, exceto um plano básico de armazenamento em nuvem) da Swisscows (Vacas Suíças, em inglês). Eles possuem um mecanismo de pesquisa focado na privacidade. Ele não rastreia ou armazena nenhuma informação pessoal, garantindo que as consultas de pesquisa dos usuários permaneçam anônimas e seguras.

A empresa, que é sediada na Suíça, também oferece um serviço e-mail, VPN e um aplicativo de mensagens focado em privacidade e proteção de dados.

Por fim, tenho que falar sobre a Mullvad, que é sediada na Suécia e oferece um navegador (gratuito), e um serviço de VPN (pago, mas de valor irrisório). Eles defendem que os serviços "gratuitos" têm quase sempre algum custo, sejam anúncios, coleta de dados ou a limitação das funcionalidades do serviço, para cobrar o valor necessário para subsistirem.

Finalizando a coluna de hoje, vale destacar que todas as empresas citadas oferecem serviços pagos e gratuitos, então navegar de forma segura não depende exatamente da sua condição financeira. É claro que os pacotes pagos são mais interessantes e oferecem mais benefícios, porém, os planos gratuitos já são muito eficazes e com certeza te deixarão mais protegido enquanto usa a internet.

--- -- ---

Links, por ordem de citação no texto:

https://www.youtube.com/watch?v=GXay1jfDhGY&t=1s&ab_channel=Diolinux

https://european-alternatives.eu/

https://www.goeuropean.org/

https://eu-os.eu/

https://openwebsearch.eu/

https://proton.me/pt-br

https://mailfence.com/

https://swisscows.com/pt

https://mullvad.net/pt

Fahrenheit 451, a distopia virou realidade

Não raras vezes, os grandes clássicos distópicos da literatura deixam de ser apenas ficção futurista, para se tornarem verdadeiras advertências inquietantemente próximas da nossa realidade.

Obras como "Admirável Mundo Novo", "1984" e "A Revolução dos Bichos" foram escritas como sátiras, exageros intencionais de contextos políticos e sociais de sua época.

Certamente não é esse o caso de "Fahrenheit 451", de Ray Bradbury, eis que a obra ultrapassou essa fronteira com impressionante precisão. Publicado em 1953, o romance quase documenta os nossos dias.

Na narrativa de Bradbury, os livros são tratados como objetos subversivos. Não são apenas censurados, mas ativamente destruídos. Os bombeiros – símbolo de proteção no mundo real – tornam-se agentes do apagamento cultural, encarregados de incinerar qualquer vestígio de pensamento crítico registrado em papel. Em vez de conter incêndios, eles os iniciam.

Inclusive, o número 451 faz referência à temperatura (em graus Fahrenheit) da queima do papel, equivalente a 233 graus Celsius. Por isso, vemos esses números tanto no título da obra, quanto nas vestimentas dos bombeiros do livro.

A inversão de valores é chocante, mas não inédita na História. A realidade já demonstrou seu desconforto com o poder da palavra escrita em eventos como a destruição da Biblioteca de Alexandria ou a queima de livros promovida pelo regime nazista em 1933.

O alerta de Bradbury, no entanto, vai além da censura. "Fahrenheit 451" denuncia a alienação cultural promovida pelo entretenimento vazio.

Em um mundo onde os livros são proibidos, as pessoas passam seus dias mergulhados em telas, distraídos por programas banais que anestesiam o senso crítico e reforçam uma falsa sensação de conforto.

Mildred, esposa do protagonista Guy Montag, é o retrato dessa alienação: Vive imersa em telenovelas interativas, incapaz de qualquer pensamento autônomo ou reflexão existencial.

A indiferença de Mildred é, em si, uma tragédia silenciosa. E qualquer semelhança com os nossos dias não é mera coincidência.

Montag, bombeiro exemplar, só começa a romper com essa realidade entorpecida após conhecer Clarisse, uma jovem que ousa fazer perguntas. A partir daí, sua jornada de autodescoberta o leva a questionar o sistema, o papel da literatura, e finalmente, sua própria humanidade.

O que para muitos é apenas um enredo dramático, pode ser lido como uma poderosa metáfora: Em tempos de desinformação e manipulação midiática, pensar é um ato revolucionário. Principalmente em certos países latino-americanos onde pessoas são presas somente por serem quem são, e não pelo que fizeram.

Bradbury, ao retratar um Governo que teme o conteúdo dos livros, expõe uma verdade incômoda: Regimes autoritários sempre temeram o pensamento livre. E não sem motivo. A leitura é uma ameaça ao status quo porque desperta dúvidas, promove o debate, ilumina contradições. Não à toa, ao longo da história, ditaduras priorizaram a destruição ou o controle da produção literária.

A literatura, como nos lembra o professor Faber no romance, serve a três propósitos essenciais: oferecer informações de qualidade, conceder tempo para reflexão e permitir que ações sejam tomadas com base nesse aprendizado. É justamente esse ciclo que se pretende interromper quando se censura, distorce ou banaliza o conteúdo cultural.

No entanto, Fahrenheit 451 não termina em um contexto de desesperança, pois um grupo de dissidentes, cada um responsável por memorizar um livro inteiro, com o objetivo de preservar o saber humano, prepara-se para o dia em que possam reerguer a cultura das cinzas, republicando as obras antigas.

Ler Bradbury, hoje, não é apenas uma experiência literária. É um ato político. Em tempos de ataques à liberdade de expressão, sua obra ganha urgência. Vamos nos tornar alienados e reféns do Regime, ou vamos memorizar livros e exercitar o pensamento crítico?

O STF e a censura automatizada

Semana passada, o Supremo Tribunal Federal (STF), transformou o Brasil no único país "democrático" do mundo, onde a regulação do conteúdo publicado nas redes sociais é feita pelo Poder Judiciário, sem passar pelo crivo do Poder Legislativo.

O quanto decidido pela Corte no julgamento que analisava a constitucionalidade do artigo 19 do Marco Civil da Internet impõe às plataformas digitais a obrigação de remover automaticamente conteúdos considerados "antidemocráticos" e outros crimes graves, sob pena de sanções civis – tudo isso sem a necessidade de ordem judicial.

A medida foi aprovada por 8 votos a 3, e redefine o alcance do artigo 19 do Marco Civil da Internet, até então protetor da neutralidade das plataformas quanto ao conteúdo gerado por terceiros, cujo objetivo era justamente garantir um ambiente democrático na Rede Mundial de Computadores. Com a nova orientação, o STF entendeu que a proteção constitucional à democracia, à dignidade da pessoa humana e à segurança pública exigiria intervenções preventivas e automáticas das empresas de tecnologia.

É isso mesmo que você ouviu. Assim como no clássico de George Orwell, 1984, agora também temos uma lista prévia do que não se pode dizer.

A decisão inclui, entre os conteúdos a serem removidos de forma imediata: Atos antidemocráticos (previstos no Código Penal), incitação à discriminação (por raça, religião, gênero ou orientação sexual), crimes contra a mulher, pornografia infantil, tráfico de pessoas, entre outros.

Talvez agora você esteja pensando: Ah, mas não é tão ruim assim! Quem defende incitação à discriminação? Crimes contra a mulher? Pornografia infantil? Tráfico de pessoas? Ninguém!

Acontece que eles puseram esse tipo de crime no julgamento, justamente para dar-lhe um ar de razoabilidade. Fora que realizar postagens com esse tipo de teor já era crime, ou seja, nada mudou!

O que preocupa é o vasto e vago campo semântico da expressão "condutas antidemocráticas". Sob essa mesma frase doce e mágica aos ouvidos dos censores, nos últimos anos, o STF já enquadrou desde postagens com críticas ao processo eleitoral até memes sobre ministros da Corte. Em nome da "defesa da democracia", o Supremo assume agora o papel de regulador

direto do discurso público, criando um precedente perigoso para o controle da informação.

Como Advogado, sei que a amplitude dessa nova interpretação judicial sobre o que é ameaça ao Estado Democrático de Direito abre brecha para que qualquer fala contrária ao Governo seja considerada subversiva.

Inclusive, o professor Venceslau Tavares Costa Filho, da Universidade de Pernambuco, em entrevista ao Jornal Gazeta do Povo foi além: "Se uma publicação que defende o impeachment de um presidente democraticamente eleito pode ser vista como antidemocrática, então estamos diante de um critério subjetivo e politicamente sensível."

E pior. A aplicação prática da tese dependerá, em grande parte, de algoritmos e sistemas automatizados, o que certamente trará um efeito colateral previsível: A autocensura das plataformas, que só sentem o golpe quando esse lhes atinge o bolso.

Certamente, com receio de eventuais responsabilizações, as empresas donas das redes sociais tenderão a remover conteúdos politicamente polêmicos ainda que não constituam crime, apenas por precaução jurídica. O cálculo é simples: Deixamos esse Zé Ruela falar e corremos o risco de perder dinheiro ou apagamos a sua postagem e o jogo segue? O capitalismo (que eu amo) já escolheu um lado, e não é o da democracia, nesse caso!

Desse modo, a "censura algorítmica" não será imposta pelo Estado diretamente, mas delegada às empresas privadas, que agora operam como fiscais preventivos do conteúdo público. Trata-se de um modelo de controle privatizado, opaco e sem mediação democrática. Numa tacada só, o STF nos retirou a liberdade de expressão e a soberania nacional.

O Brasil, com isso, se afasta do padrão internacional. Nem mesmo em países autoritários como a Venezuela, onde o Legislativo é controlado pelo Executivo, a regulação das redes foi feita exclusivamente pelo Judiciário. Lá, ao menos, a aparência do rito constitucional foi mantida. Aqui, o STF autodeterminou-se imbuído da função normativa, fixando regras e sanções que deveriam ser fruto de ampla deliberação do Congresso Nacional, após ampla discussão social.

Penso que é legítimo querer proteger a democracia. Eu mesmo, sou um democrata ferrenho. E é exatamente por isso que acredito que a democracia se constrói com liberdade de crítica, pluralismo de ideias e respeito aos processos

legislativos. Quando o Judiciário se torna legislador e censor ao mesmo tempo, o risco é que, em nome da proteção ao regime democrático, o que se esteja minando seja exatamente a sua essência: O livre debate de ideias.

Nesse ritmo, logo veremos comediantes sendo condenados só porque contaram uma piada... Ops!

Gates publica código-fonte que originou a Microsoft

Bill Gates decidiu celebrar os 50 anos da Microsoft, tornando público o código-fonte do Altair Basic, o primeiro produto da empresa. E não tem nada marketing, foi apenas um aceno ao passado que moldou o presente da tecnologia como a conhecemos.

A data de 4 de abril de 2025 marcou o cinquentenário da Microsoft, por isso Gates publicou o código. Em seu blog oficial, o cofundador da empresa lembra que antes de nomes como Windows, Office, Xbox ou inteligência artificial ganharem o mundo, havia um programa simples — mas fundamental — chamado Altair Basic. Um pequeno pedaço de software, escrito em Assembly, que mudaria para sempre os rumos da computação.

Em 1975, Gates e Paul Allen, então jovens estudantes em Harvard, se depararam com a imagem de um dos primeiros computadores fabricados. Era o Altair 8800, que estampa a capa da revista Popular Electronics.

A dupla fundadora da Microsoft não tinha um programa pronto mas, mesmo assim, venderam-no à MITS, fabricante do computador. A proposta foi aceita e, dois meses depois, nascia o primeiro produto da empresa que eles batizariam de "Micro-Soft", sim com hífen e tudo.

Agora, meio século depois, Gates decidiu digitalizar e publicar aquele mesmo código-fonte, originalmente datilografado em 1975, numa versão PDF com impressionantes 157 páginas. Trata-se de uma relíquia escrita em Assembly para o processador Intel 8080, um testemunho do engenho humano e da simplicidade poderosa de uma era inaugural da tecnologia.

Segundo Gates, "é incrível pensar sobre como um único pedaço de código levou a Microsoft a meio século de inovação", escreveu o empresário. A frase diz muito: tecnologia é sempre construção, tijolo por tijolo, byte por byte.

A história completa está contada em detalhes no livro "Source Code: My Beginnings", traduzido no Brasil como "Código-fonte: Como tudo começou".

Ler o livro e até mesmo o código é uma verdadeira volta às origens, o que nos possibilita entender como chegamos tão longe.

Clique aqui para acessar o código-fonte do Altair Basic: https://github.com/pronoiac/altair-basic-source-code

As inimigas dos Nazistas

Quem acompanha o Palanque há mais tempo sabe que a Segunda Guerra Mundial me fascina.

Gosto do assunto porque o maior conflito militar já perpetrado pelo ser humano é palco de narrativas heroicas e estratégias militares audaciosas, que revelam a nossa melhor faceta.

Onde mais, senão na Segunda Guerra encontraríamos um grupo de mulheres que, de um salão transformado em tabuleiro de guerra, desafiaram a supremacia dos temidos U-boats nazistas?

Enquanto a lenda da Enigma domina os livros de história, a verdade é que as verdadeiras inimigas Dönitz secretas do Almirante Karl foram as brilhantes mentes da Unidade Tática de Abordagens Ocidentais (WATU, na sigla em inglês), lideradas por figuras femininas visionárias.

Os U-boats, que eram os submarinos da Marinha Alemã, foram um verdadeiro pesadelo para o Herói do Mundo Livre, Sir Winston Churchill, porque Dönitz tinha tanto êxito em afundar navios com suprimentos britânicos, que a Grã-Bretanha chegou a ter, por diversas vezes, suprimentos essenciais tanto para os civis quanto para os militares, suficientes para apenas quatro meses.

A narrativa popular atribui o fim da "era de ouro" dos submarinos alemães à quebra do código da Enigma em Bletchley Park. Contudo, essa é apenas parte da história.

Isso porque a decodificação das mensagens da Enigma não era em tempo real, e as informações eram frequentemente fragmentadas, insuficientes para proteger comboios navegando por centenas de quilômetros de oceano. Para agravar a situação, o Almirantado Britânico, preso a uma mentalidade arcaica que via submarinos como "coisa de pirata", falhou em desenvolver táticas eficazes, enquanto Dönitz, com sua expertise, desenvolvia o que viriam a ser às modernas táticas da guerra submarina.

Em meio a esse cenário crítico, entra em cena o vice-almirante Cecil Vivian Usborne, encarregado de desenvolver armas antissubmarino. Sua escolha para liderar uma nova unidade de estudos foi o capitão Gilbert Roberts.

Roberts, um oficial de carreira mais inclinado aos livros e jogos de guerra do que ao comando de navios, havia sido compulsoriamente aposentado devido à tuberculose. No

entanto, sua mente analítica e seu profundo conhecimento de estratégias eram inestimáveis. Usborne o convocou, reativou seu posto e o encarregou de organizar a WATU, para a sorte de Churchill e da humanidade.

A missão da WATU era clara: estudar os jogos de guerra para desvendar as táticas de Dönitz e, a partir daí, desenvolver contramedidas. Em 1942, essa ideia soava absurda para a maioria dos integrantes da Marinha Britânica, que eram acostumados a resolver os seus problemas com tiros de canhões.

Diante desse cenário pouco promissor, Roberts enfrentou uma enorme dificuldade para recrutar oficiais, encontrando jovens cheios de marra, mas sem a habilidade tática ou o respeito necessário para a sua abordagem inovadora.

Foi então que Vera Laughton Mathews, a diretora do Women's Royal Naval Service (WRNS), as "Wrens", interveio. Enquanto a maioria das mulheres da Marinha Real desempenhava funções de apoio, Vera havia montado uma tropa de elite. Entre elas, destacava-se Jean Laidlaw, uma jovem de 21 anos que estava se tornando a primeira mulher formada em Contabilidade no Reino Unido.

Roberts, inicialmente cético, não demorou a se impressionar com o intelecto, a capacidade analítica, a improvisação e a habilidade de aprendizado dessas jovens. Ao contrário dos oficiais navais, elas não tinham preconceitos, aplicando seus conhecimentos – muitas delas com formação em Matemática – aos complexos problemas propostos por Roberts.

Juntos, eles desenvolveram um simulador inovador: o chão de um salão se tornava o oceano, com modelos de madeira representando navios e submarinos. Algumas mulheres interpretavam comandantes, outras simulavam transmissões de rádio. Roberts até mesmo utilizou um lençol para cobrir a posição do comandante do comboio, limitando sua visão a uma fresta, simulando a realidade da guerra no mar.

As simulações iniciais revelaram uma verdade chocante: as táticas britânicas existentes eram ineficazes. Foi então que a WATU deu à luz a tática Raspberry, um divisor de águas na guerra antissubmarino.

Embora autorizada por Usborne, a WATU sofria com a desconfiança dos comandos diretos. Um dia, o comandante direto da unidade, que via os jogos de guerra como um desperdício de recursos, visitou o salão de simulações.

Inicialmente desinteressado, ele ficou pasmo ao ver Roberts demonstrar, em detalhes, a ineficácia das táticas navais vigentes e apresentar a Raspberry. "Quem desenvolveu a tática Raspberry?", perguntou ele. "Jean Laidlaw", respondeu Roberts, apontando para a jovem assustada. A resposta foi um categórico "Bom trabalho", seguido de uma ordem imediata para revisar as táticas de todos os comandantes navais.

A influência da WATU se estendeu ainda mais com a visita do almirante Max Horton, o comandante-geral, que também era cético em relação aos jogos de guerra e pretendia encerrar o "experimento". Horton, com a arrogância de um veterano da Primeira Guerra Mundial, aceitou participar de um jogo. Roberts explicou que seu objetivo era apenas sobreviver. Meses de cálculos, refinamentos da tática Raspberry e a consideração de dezenas de fatores – sonar, avistamentos, rotas prováveis, clima – culminaram na "derrota" do submarino de Horton.

Indignado, ele exigiu repetir o jogo.

Por cinco vezes, tentou mudar as táticas, mas foi repetidamente derrotado. Finalmente, admitiu a derrota e pediu para conhecer o oficial que o havia vencido. Roberts puxou de trás do lençol a Wren Janet Okell, de 19 anos. Horton havia perdido para uma mulher. Para piorar, Roberts explicou que a tática havia sido desenvolvida por Jean Laidlaw.

Para seu crédito, o almirante Horton engoliu o orgulho ferido e imediatamente ordenou que as táticas fossem ensinadas a todos os oficiais navais, transformando a WATU em uma grande escola.

No início, a resistência a mulheres ensinando táticas de combate era evidente, mas uma ou duas rodadas no simulador eram geralmente suficientes para "baixar a bola" dos oficiais. A eficácia da Raspberry foi logo comprovada no Atlântico: em um dos primeiros usos da tática, os alemães afundaram 14 navios aliados, mas perderam 13 submarinos – uma perda insustentável. Em maio de 1943, os U-boats nazistas abandonaram o Atlântico.

Ao todo, 66 Wrens trabalharam na WATU, colaborando com oficiais navais que, a essa altura, já não viam os jogos de guerra como inúteis. Cursos de seis dias, com turmas de 50 oficiais, continuaram até julho de 1945. Além da Raspberry, as Wrens desenvolveram outras táticas para diferentes cenários de ataque e, mais tarde, contribuíram com

estratégias para o combate no Pacífico e para o Dia D, a maior operação militar jamais vista pela humanidade.

É notável que, no calor da batalha, quando um comandante de comboio gritava "RASPBERRY! RASPBERRY!" e todos executavam a complexa dança ensaiada, talvez poucos soubessem que estavam seguindo uma tática desenvolvida por um grupo de mulheres que nunca haviam pisado em uma embarcação de combate.

Como muitas outras mulheres que contribuíram para o esforço de guerra, como as criptoanalistas de Bletchley Park, as Wrens de Gilbert Roberts foram esquecidas por um tempo, mantidas longe dos holofotes. As congratulações se estendiam, no máximo, ao Capitão Roberts "e sua equipe", sem maiores detalhes.

Felizmente, essas heroínas silenciosas estão sendo redescobertas, e sua inestimável contribuição para a vitória sobre o Terceiro Reich, que era comandado pelo "Tampinha Austríaco" finalmente está recebendo o devido reconhecimento.

A história, aos poucos, revela suas verdadeiras inimigas secretas.

1984, a distopia de Orwell

Não tenho a menor dúvida de que a grande obra-prima de George Orwell, é a distopia "1984", que transcendeu a sua publicação em 1949 para se tornar um espelho atemporal das ameaças à liberdade e à verdade.

E olhe que estamos falando do mesmo autor de "A Revolução dos Bichos", "O Caminho Para Wigan Pier" e "Dentro da Baleia e Outros Ensaios", dentre outros.

Em uma narrativa que se passa no ano de 1984, na fictícia nação de Oceânia (uma Inglaterra que perdeu a Segunda Guerra), o autor modernista constrói um cenário totalitário assustadoramente familiar. Orwell não apenas nos apresenta a história de Winston Smith (em clara referência a Churchill), um indivíduo que ousa questionar o poder vigente, mas nos convida a uma reflexão profunda sobre o controle, a manipulação e a própria natureza da realidade.

Na Oceânia de Orwell, a figura do Grande Irmão representa o ápice da vigilância e do controle estatal. Através das onipresentes teletelas, espécies de computadores com transmissão ao vivo de som e imagem, os cidadãos são constantemente monitorados, sem qualquer espaço para privacidade. Foi daí que aqueles caras tiraram inspiração e criaram o Big Brother, aquele programa de TV. Em inglês, "Big Brother" significa "Grande Irmão".

Mas, voltando, o regime totalitário do Partido, com seus slogans paradoxais — "Guerra é paz", "Liberdade é escravidão", "Ignorância é força" —, demonstra uma inversão radical de valores e a imposição de uma nova lógica, onde a mentira é a nova verdade. Mais ou menos como acontece no Brasil, onde o poste mija no cachorro e a banana come o macaco...

O protagonista Winston Smith trabalha no Ministério da Verdade, um lugar onde a história não é preservada, mas sim reescrita, mais ou menos como a nossa grande mídia faz atualmente. Documentos, jornais e até mesmo a memória são alterados para se alinhar aos interesses do Partido.

Nem mesmo a língua escapa de ter palavras ressignificadas, para expressar o que deseja o Partido, exclusivamente. Pode parecer absurdo, mas a nossa sociedade fez exatamente isso com termos como "patriota", "milícia" ou "fascista", por exemplo.

Essa manipulação tão profunda da verdade é um dos elementos centrais da obra, um eco perturbador da propaganda política

e da desinformação que se tornaram tão prevalentes no nosso mundo. Para eles, não interessa o que é dito, e sim quem disse.

O grande mérito da obra de Orwell é nos alertar que, se a realidade pode ser controlada por aqueles que detêm o poder, a própria noção de verdade se torna obsoleta, e a liberdade de pensamento é aniquilada. E aí, do nada, você já não pode mais protestar, questionar o sistema ou até mesmo dizer coisas simples, mas que importam, porque nada é permitido, ou porque foi considerado crime, ou porque é tido como grosseria, simplesmente.

A relação amorosa de Winston com Julia e a sua tentativa de rebelião contra o Partido nos mostram a resiliência do espírito humano, mesmo em face da opressão. No entanto, o desfecho trágico da sua história serve como um lembrete sombrio de que, em um sistema que prioriza a conformidade acima de tudo, a esperança pode ser uma força perigosa, e a família é a inimiga número 1 do Estado.

O que torna "1984" tão relevante hoje é a sua capacidade de dialogar com os desafios do nosso tempo. Embora Orwell não tenha previsto a internet ou as redes sociais, ele capturou a essência da vigilância em massa, da polarização e do perigo de sociedades que permitem que seus governos controlem a informação.

A obra nos encoraja a questionar, a pensar criticamente e a lutar para preservar a verdade, a liberdade e a nossa própria individualidade. O alerta de Orwell é mais do que uma história do passado; é um chamado à vigilância constante e à defesa incansável dos nossos direitos.

--- -- ---

Oração da Serenidade

Deus, conceda-me a serenidade

Para aceitar as coisas que não posso mudar,

A coragem para mudar as coisas que posso

E a sabedoria para discernir uma da outra.

Vivendo um dia de cada vez,

Apreciando um momento de cada vez,

Recebendo as dificuldades como um caminho para a paz
E, como Jesus, aceitando as circunstâncias do mundo
Como realmente são, e não como gostaria que fossem.
Confiando que o Senhor tudo fará
Se eu me entregar à Sua vontade;
Pois assim poderei ser razoavelmente feliz nesta vida
E supremamente feliz ao seu lado na eternidade.
Amém.

Precisamos falar da sexualização infantil na Internet

Semana passada, eu estava navegando pelo Instagram e, como de hábito, assisti aos vídeos do Benê Barbosa, a maior referência armamentista do Brasil.

Em um story, ele falou sobre um tal de Felca, dizendo que o cara fez um vídeo tratando sobre a sexualização de crianças na Internet, e que ele havia sido muito corajoso.

Fiz uma anotação mental sobre procurar o tal vídeo mais tarde, para talvez fazer uma coluna sobre o assunto, que acredito ser de extrema importância no momento em que vivemos, no qual me parece, a grande meta é a destruição dos valores tradicionais, da família e da religião.

Confesso que não precisei procurar nada, pois o jornal O Estado de São Paulo trouxe em seu site, uma matéria sobre o assunto.

Basicamente, o texto diz que o vídeo, cujo título é "Adultização", atingiu milhões de visualizações desde que foi publicado, na última quinta-feira, 7.

Felca é o nome artístico de Felipe Bressanim Pereira, de 27 anos. Natural de Londrina, no Paraná, ele começou na internet em 2012 como streamer, jogando videogame em lives. Com o passar do tempo, passou a investir em conteúdo humorístico, principalmente autodepreciativo. O influenciador já falou publicamente que teve depressão e que possui diagnóstico de transtorno de ansiedade social.

Pelo que pude perceber, de vez em quando, Felca deixa de lado o seu estilo bem-humorado e cria conteúdos polêmicos e bem-produzidos.

No vídeo em questão, ele expõe práticas de influenciadores digitais que lucram exibindo menores em situações inadequadas: Festas, danças sensuais, ingestão de bebidas alcoólicas, uso de roupas sugestivas e interações de caráter sexual. Muitas vezes, esses "influenciadores" são os pais dos menores expostos, verdadeiras vítimas de crimes.

O vídeo mostra como esses conteúdos atraem não só adolescentes, mas também adultos com intenções criminosas, principalmente pedófilos, gente que, sob o meu ponto de vista, teria que ser condenada à morte.

Porém, Felca nos mostra ainda, que o problema é muito mais grave, pois as empresas donas das redes sociais criam seus algoritmos de modo a promover esse tipo de material, tornando

fácil o seu acesso e incentivando a produção continuada desses vídeos, inclusive apontando a venda de conteúdo explícito envolvendo menores em canais do Telegram.

Felca explica o conceito de "adultização", a exposição precoce de crianças a comportamentos, temas e aparências de adultos para fins de monetização online, e alerta para as consequências psicológicas e sociais dessa exposição, incluindo traumas e transtornos mentais.

Por fim, Felca alerta pais e responsáveis para os riscos de expor crianças na internet, recomenda supervisão rigorosa do acesso às redes sociais, e destaca que a responsabilidade de proteger os menores é compartilhada entre plataformas, sociedade e famílias.

A verdade é uma só: Se você não for emocionalmente bem resolvido, as redes sociais são extremamente nocivas. E, não raramente, esse é justamente o caso das crianças e adolescentes.

Por esse motivo, o impacto das redes sociais na adolescência geralmente acaba afetando tanto o desenvolvimento emocional quanto social dos jovens, tornando-os adultos disfuncionais, depressivos e antissociais.

Se você é pai, mãe ou responsável, sabe que isolar sua criança ou adolescente do mundo da tecnologia é algo praticamente impossível, pois ainda que você seja bastante rigoroso em sua casa, está lutando contra o mundo.

Assim, penso que a boa e velha conversa continua sendo o melhor jeito de lidar com o assunto.

Porém, como já dizia Thomas Jefferson, um dos autores da Declaração de Independência dos Estados Unidos e o terceiro presidente do país (1801-1809), "O preço da liberdade é a eterna vigilância."

Nesse sentido, pais, mães e responsáveis por crianças e adolescentes devem usar aplicativos que permitam limitar tempo de acesso, visualizar histórico de uso, bloquear downloads e monitorar o conteúdo por eles acessados.

Ao escolher um aplicativo de controle parental, é importante considerar a idade das crianças, o sistema operacional dos dispositivos (Android, iOS, Windows etc.), o nível de controle desejado e o seu custo-benefício.

De acordo com as pesquisas que fiz, as principais opções recomendadas por especialistas são o Google Family Link, que é referência para controle gratuito nos dispositivos que

rodam Android, o Qustodio e o AirDroid são escolhas robustas para um controle mais avançados, enquanto os usuários do sistema operacional IOS, da Apple têm no Screen Time, que é nativo, uma boa opção.

Em todos os casos, lembre-se de que os apps pagos trazem mais recursos, e que economizar em pontos tão sensíveis quanto esse, não costuma ser boa ideia.

Lembre-se, entretanto, que nenhuma tecnologia substitui o diálogo, o seu bom exemplo e a educação digital familiar. Afinal, você é o único responsável por sua família. Terceirizar a sua responsabilidade não é uma opção, principalmente em tempos sombrios como o nosso.

Para finalizar essa coluna, deixo abaixo, o link do vídeo do Felca. Ele tem pouco menos de 50 minutos, mas vale cada segundo do seu tempo:

https://youtu.be/FpsCzFGL1LE?si=X1zhIVwj1dpi3HVP

O Mínimo Sobre Armas e Cristianismo

No último final de semana, li o livro "O Mínimo Sobre Armas e Cristianismo", de Bene Barbosa, a maior autoridade do Brasil, quando o assunto é armamento da população civil.

Na essencial, mas curta obra (cujo título já entrega seu objetivo: Falar o mínimo sobre o tema em apenas 115 páginas tipo pocket) Bene argumenta que o porte e a posse de armas de fogo por cristãos é compatível com os princípios e ensinamentos da Bíblia.

A obra se propõe a desmistificar a ideia de que a posse de armas é intrinsecamente pecaminosa, examinando o tema sob uma perspectiva teológica e histórica.

Visando a fácil compreensão do assunto, o autor estrutura sua defesa em tópicos, confrontando interpretações pacifistas do cristianismo:

Legítima Defesa: Barbosa argumenta que a Bíblia não condena a legítima defesa. Ele usa a passagem de Lucas 22:36, onde Jesus diz aos discípulos para venderem suas capas e comprarem espadas, para indicar que, em certas circunstâncias, a autoproteção é permitida. A ideia é que a vida e a família são bens que devem ser protegidos, e a inação diante de uma ameaça pode ser vista como negligência.

O Mandamento "Não Matarás": O autor faz uma distinção crucial entre o ato de assassinar (condenado por Deus) e o ato de matar em legítima defesa. Ele explica que a palavra hebraica original usada no sexto mandamento, "ratsach", significa assassinato premeditado, e não a ação de tirar uma vida em autoproteção ou em guerra justa.

A Responsabilidade de Proteger: O livro defende que a proteção de inocentes é um dever moral, e não uma opção. Para Bene Barbosa, o cristão tem a responsabilidade de ser o "sal da terra" e a "luz do mundo", o que inclui agir para proteger aqueles que não podem se defender. O porte de armas, nesse contexto, seria uma ferramenta para cumprir essa responsabilidade.

Jesus e a Não-Violência: Bene questiona a interpretação de que Jesus era um pacifista absoluto. Embora Jesus pregasse o perdão e o amor aos inimigos, o autor argumenta que isso se aplica ao âmbito pessoal, não à esfera da segurança e da proteção de terceiros. A "não-resistência ao mal" (Mateus 5:39) é contextualizada como um mandamento para não revidar insultos ou injustiças pessoais, e não para se abster de proteger a vida de outros em situações de perigo iminente.

O Papel do Estado e a Tirania: O livro discute o papel de oposição do cristão a governos tiranos e opressores. Barbosa cita o direito histórico do povo de se defender contra a tirania. A posse de armas, nesse sentido, é vista como um último recurso para prevenir a opressão estatal e garantir a liberdade individual, uma responsabilidade que ele considera parte da ética cristã.

Em suma, "O Mínimo Sobre Armas e Cristianismo" é um livro que desafia a visão de um cristianismo puramente pacifista, defendendo que o uso responsável de armas de fogo para a proteção da vida, da família e da liberdade não apenas é moralmente aceitável para os cristãos, mas, em muitos casos, pode ser considerado um dever.

É um livro que realmente vale a pena ser lido, porque além do relevantíssimo tema debatido, traz diversas curiosidades, a começar pela capa, cuja ilustração traz a figura de São Gabriel Possenti da Madre Dolorosa, (nascido Francesco Possenti, aos 1 de março de 1838 e falecido em 27 de fevereiro de 1862), que viveu na cidade de Isola del Gran Sasso, na região de Abruzzo, Itália. Ele era conhecido por sua grande devoção às dores da Virgem, Mãe de Cristo.

Conta-se que era o décimo de treze filhos de Sante Possenti, um Advogado que exercia o cargo de Prefeito. Sua mãe, Angese Frisciotti, era de nobre descendência, e morreu quando Gabriel tinha apenas quatro anos. Ele era uma criança vivaz e feliz, com uma tendência de ser desobediente e ficar com raiva cada vez que era repreendido pelo pai.

O comandante da guarnição militar de Spoleto ensinou o menino a manejar a pistola e o fuzil. Gabriel era considerado exímio cavaleiro e atirador, a caça sendo seu lazer favorito, algo não só comum na Europa, mas essencial para a subsistência.

Ele começou a frequentar o colégio dos jesuítas em Spoleto aos 13 anos. Durante seus anos na escola, ele se mostrou um aluno inteligente e genial, agradando tanto os professores quanto os colegas.

Durante esse tempo, ele mostrou um certo gosto para as "coisas do mundo". Seus biógrafos dizem que "ele era elegante, grande dançarino e não perdia uma festa". Frequentava o teatro e lia romances, "reconhecendo mais tarde quão perigosas essas atividades eram para a sua alma".

Com essas atitudes e vida desregrada, ninguém acreditou quando ele disse que, após completar seus estudos, iria tornar-se padre".

Durante uma grave doença que o acometeu, ele fez a promessa que, se ficasse bom, dedicaria sua vida a Deus. Mas, passada a doença, "esqueceu" o prometido.

Porém, outra vez caiu enfermo e novamente repetiu a promessa. Depois de curado e mais uma vez "esquecido" o prometido, estava ele assistindo uma procissão que passava com uma grande imagem de Nossa Senhora, quando os olhos da Virgem fitaram-no fixamente e ele ouviu as palavras: "Cumpra sua promessa!".

Abalado após o sinal divino ele decidiu cumprir o prometido e, com vinte anos de idade, entrou para o seminário local onde recebeu o nome de irmão Gabriel.

Em 1860, após a batalha de Castelfidardo, cerca de vinte mercenários renegados, ligados ao exército de Garibaldi, apareceram na cidade para pilhá-la e aterrorizar os moradores. Irmão Gabriel, com a autorização do reitor do seminário, caminhou desarmado para o centro da cidade para enfrentar os bandidos.

Um dos mercenários, que estava prestes a violentar uma jovem, ridicularizou-o por vir sozinho enfrentá-los, mas Possenti, numa rápida manobra, tirou o revólver da cintura do mercenário e ordenou que ele soltasse a mulher.

Enquanto o homem obedecia, ele rendeu outro ladrão que se aproximava e apropriou-se de outro revólver. Ao verem o que estava acontecendo, os demais mercenários correram em defesa dos companheiros para dar um jeito no Monge.

Nesse momento, reza a lenda, que uma pequena salamandra atravessou a rua entre Possenti e a tropa que se aproximava. "Quando por um breve momento o animal parou, Possenti fez pontaria e matou-a com um único tiro certeiro".

Apontando os dois revólveres para os mercenários, Possenti ordenou que todos largassem suas armas imediatamente.

Como os bandidos perceberam que o então Monge era bom de mira, decidiram obedecer e saíram em debandada, não sem antes cumprir uma última ordem, pois Possenti determinou que eles apagassem todos os focos de incêndio que haviam iniciado.

Após a retirada dos mercenários, o povo agradecido levou Possenti nos braços até o seminário chamando-o de "O salvador de Isola".

Possenti queria ser enviado para as Missões após sua ordenação, entretanto morreu muito jovem, em 1862, aos 23 anos.

Foi canonizado em 1920 pelo Papa Bento XV como São Gabriel Possenti da Madre Dolorosa e, junto com Santo Aloisio, é considerado um dos padroeiros da juventude pela Igreja Católica Apostólica Romana. Sua festa é comemorada no dia 27 de fevereiro.

Os estudiosos do tema, entretanto, apontam que não foi o episódio acima narrado que levou à canonização de São Gabriel Possenti, mas sim o seu exemplo de vida, o qual mostrou que a santidade não é antagônica às demais virtudes humanas como coragem e determinação.

Por tudo isto, atiradores e armeiros de todo mundo estão em campanha para torná-lo também Padroeiro dos Cidadãos Armados.

A campanha é liderada por John Snyder, um ex-seminarista e atirador americano que entregou ao Papa João Paulo II, em 05/03/2001, uma medalha da Sociedade São Gabriel Possenti, onde se vê na frente uma imagem do Santo, um revólver e uma salamandra rodeados pelos dizeres: "São Gabriel Possenti protetor dos atiradores". No verso vê-se um alvo estilizado e os dizeres: "Guie nossa mira para acertar no centro. Proteja-nos dos inimigos do amor, da justiça e da liberdade".

Em carta datada de 12/03/2001, o Secretário de Estado do Vaticano, Monsenhor Pedro Lopez Quintana escreveu a John Snyder que "o Papa (João Paulo II) apreciou o presente e os devotados sentimentos que o motivaram".

Em sua carta de encaminhamento da medalha ao Papa, Snyder afirma que "nossa devoção a São Gabriel Possenti é porque seu exemplo nos mostra a conexão íntima e consistente que existe entre o direito à vida, o direito à defesa própria, o direito a posse dos meios de defesa e o direito de armar-se para a defesa própria".

A reputação como moeda mais valiosa

Nos últimos dias, uma frase que circula nas redes sociais tem chamado a atenção de investidores, executivos e curiosos:

"Podemos nos dar ao luxo de perder dinheiro — até muito dinheiro. Mas não podemos nos dar ao luxo de perder reputação — nem um pedaço de reputação".

Essas palavras foram proferidas por Warren Buffett, o icônico investidor de 94 anos, poucos meses antes de anunciar que deixará a liderança da Berkshire Hathaway, empresa que fundou e conduziu entre 1965 e 2025. Ele deixará o caixa com mais de 1 trilhão de dólares.

O recado, embora simples, carrega um peso histórico e estratégico que vale a pena considerar.

Buffett, que é popularmente conhecido como "Guru de Omaha" já havia repetido esse alerta em cartas aos acionistas desde 2010, reforçando que a credibilidade da empresa é um ativo intangível que não pode ser "compensado" com lucros futuros.

Em 1991, enquanto presidia o Salomon Brothers, ele advertiu seus colaboradores:

"Perca dinheiro da firma e eu serei compreensivo. Perca um pedaço de reputação da firma e eu serei implacável."

A lógica é clara: O dinheiro pode ser recuperado, mas a confiança dos clientes, parceiros e do mercado, não.

Em um mundo onde a informação se propaga em segundos, um escândalo certamente irá gerar perdas financeiras muito superiores às de um mau investimento.

Com a saída de Buffett prevista para janeiro de 2026, a Berkshire Hathaway entra numa fase de transição. O memorando que circula nas redes funciona como um lembrete de que a responsabilidade pela reputação agora recai sobre a equipe de liderança, especialmente sobre o sucessor anunciado, Greg Abel.

Buffett ainda enfatiza um critério de julgamento que vai além da legalidade:

"Devemos continuar a medir cada ato não apenas pelo que é legal, mas também pelo que ficaríamos felizes em ter escrito na primeira página de um jornal nacional em um artigo escrito por um repórter inteligente, mas hostil."

Essa perspectiva convida a todos os gestores a adotarem um padrão ético autônomo, antecipando o escrutínio público antes mesmo de qualquer processo judicial.

Noutras palavras, tanto nos negócios quanto na vida, a reputação funciona como um termômetro coletivo: Reflete a percepção externa e, simultaneamente, orienta decisões internas.

Mesmo após anunciar a sua aposentadoria, Buffett assegura que continuará presente nos escritórios da firma:

"Não vou ficar em casa assistindo novelas. Meus interesses ainda são os mesmos."

Os investidores agradecem.

Abaixo, disponibilizo a íntegra de seu memorando. Juro que vale a leitura:

"Para: Gerentes da Berkshire Hathaway ("Os All-Stars") cc: Diretores da Berkshire De: Warren E. Buffett

Data: 19 de dezembro de 2014

Esta é minha carta bienal para reenfatizar a principal prioridade da Berkshire e para obter sua ajuda no planejamento de sucessão (a sua, não a minha!).

A principal prioridade — superando tudo mais, incluindo lucros — é que todos nós continuemos a guardar zelosamente a reputação da Berkshire. Não podemos ser perfeitos, mas podemos tentar ser. Como eu disse nestes memorandos por mais de 25 anos:

"Podemos nos dar ao luxo de perder dinheiro — até muito dinheiro. Mas não podemos nos dar ao luxo de perder reputação — nem um pedaço de reputação."

Devemos continuar a medir cada ato não apenas pelo que é legal, mas também pelo que ficaríamos felizes em ter escrito na primeira página de um jornal nacional em um artigo escrito por um repórter inteligente, mas hostil.

Às vezes, seus associados dirão: "Todo mundo está fazendo isso." Esta justificativa é quase sempre ruim se for a principal para uma ação empresarial. É totalmente inaceitável ao avaliar uma decisão moral. Sempre que alguém oferecer essa frase como justificativa, na verdade, estão dizendo que não conseguem pensar em um bom motivo. Se alguém

der essa explicação, diga-lhes para tentarem usá-la com um repórter ou um juiz e vejam até onde isso os leva.

Se você ver algo cuja propriedade ou legalidade o faça hesitar, não deixe de me ligar. No entanto, é muito provável que, se um determinado curso de ação evoca tal hesitação, está muito perto da linha e deve ser abandonado. Há muito dinheiro a ser feito no centro da quadra. Se for questionável se alguma ação está perto da linha, apenas assuma que está fora e esqueça.

Como corolário, me avise prontamente se houver alguma notícia significativamente ruim. Eu posso lidar com más notícias, mas não gosto de lidar com elas depois que fermentaram por um tempo. Uma relutância em enfrentar imediatamente más notícias é o que transformou um problema no banco Salomon de algo que poderia ter sido facilmente resolvido em algo que quase causou o fim de uma empresa com 8 mil funcionários.

Alguém está fazendo algo hoje na Berkshire que você e eu ficaríamos infelizes se soubéssemos. Isso é inevitável: agora empregamos mais de 330 mil pessoas e as chances de esse número passar o dia sem nenhum comportamento ruim ocorrer é nula. Mas podemos ter um enorme efeito em minimizar tais atividades pulando em qualquer coisa imediatamente quando houver o menor odor de impropriedade.

Sua atitude sobre tais questões, expressa por comportamento assim como por palavras, será o fator mais importante em como a cultura do seu negócio se desenvolve. Cultura, mais do que livros de regras, determina como uma organização se comporta.

Em outros aspectos, fale comigo sobre o que está acontecendo tanto quanto você desejar. Cada um de vocês faz um trabalho de primeira classe na administração de sua operação com seu próprio estilo individual e vocês não precisam de mim para ajudar. Os únicos itens que você precisa esclarecer comigo são quaisquer mudanças nos benefícios pós-aposentadoria, aquisições e quaisquer despesas de capital incomumente grandes. Mas eu gosto de ler, então envie qualquer coisa que você acha que eu possa achar interessante.

Preciso da sua ajuda em relação à questão da sucessão. Não estou procurando que nenhum de vocês se aposente e espero que todos vocês vivam até 100. (No caso de Charlie, 110.) Mas, caso vocês não vivam, por favor, me enviem uma carta ou e-mail dando sua recomendação sobre quem deveria assumir amanhã se vocês se tornassem incapacitados da noite para o dia. Estas cartas serão vistas por ninguém além de mim, a

menos que eu não seja mais o CEO, caso em que meu sucessor precisará da informação.

Por favor, resuma os pontos fortes e fracos do seu candidato principal, bem como quaisquer alternativas possíveis que você queira incluir. A maioria de vocês participou deste exercício no passado e outros ofereceram suas ideias verbalmente. No entanto, é importante para mim obter uma atualização periódica e agora que adicionamos tantos negócios, preciso ter seus pensamentos por escrito em vez de tentar carregá-los na minha memória.

Claro, há algumas operações que são geridas por dois ou mais de vocês – como os Blumkins, os Merschmans, a dupla na Applied Underwriters, etc. – e nesses casos, apenas esqueçam este item. Sua nota pode ser curta, informal, escrita à mão, etc. Apenas marque como "Pessoal para Warren."

Obrigado pela sua ajuda em tudo isso. E obrigado pela maneira como você administra seus negócios. Vocês tornam meu trabalho fácil."

Ferdinand Demara é o Grande Impostor

A vida de Ferdinand Waldo Demara Jr. (1921–1982) parece saída de um roteiro de cinema – e de fato virou livro e filme, interpretado por Tony Curtis. Conhecido como "O Grande Impostor", Demara assumiu dezenas de identidades ao longo de sua vida: engenheiro, psicólogo, professor, monge, advogado, diretor de prisão e até cirurgião naval durante a Guerra da Coreia, quando salvou vidas operando soldados apenas com o auxílio de manuais médicos.

Demara foi um impostor tão bom, que realmente aprendia tudo o que havia para saber, sobre a "sua área de atuação do momento".

É impossível não admirar, ainda que com reservas éticas, a ousadia de um homem capaz de transitar por áreas de conhecimento tão diversas, apoiando-se em memória prodigiosa, inteligência prática e uma regra de ouro: "o ônus da prova recai sobre o acusador".

Demara encarnava o espírito do improviso absoluto, ampliando sua influência em espaços onde não havia concorrência nem padrões prévios para questioná-lo.

Ao mesmo tempo, sua trajetória expõe a fragilidade de instituições que, confiando em papéis e aparências, permitiram que um farsante ocupasse funções de enorme responsabilidade – inclusive a de médico cirurgião, contratado para salvar vidas de soldados feridos em combate.

Se, por um lado, seu talento revela genialidade, por outro, levanta questões sobre credibilidade, meritocracia e segurança social.

Fundador de uma faculdade no Maine (EUA), capelão hospitalar nos últimos anos e figura de programas de televisão, Demara viveu oscilando entre fama, fraude e redenção. Morreu pobre, diabético e doente, mas cercado pelo respeito dos pacientes que atendia como religioso.

Um homem com tamanha inteligência poderia ser o que quisesse, mas optou por ser golpista.

O que leva alguém a passar a vida inteira fingindo ser o que não é? Vaidade? Golpismo? Desafio intelectual? Não sei dizer. Mas sua história também nos obriga a questionar nossa própria sociedade, tantas vezes seduzida mais pela aparência do que pela substância.

Demara morreu em 1982, mas seu legado persiste como um alerta: o brilho do improviso não pode substituir a

responsabilidade do preparo real. Ainda assim, seu mito permanece – fascinante e incômodo – lembrando-nos que, muitas vezes, o impostor só existe porque o mundo está mais do que disposto a se deixar enganar.

Hackers provocam vazamento em barragem na Noruega

Um ataque cibernético fez com que a barragem de Rizevatnet, em Bremanger (Noruega), permanecesse com uma válvula aberta durante cerca de quatro horas, em 7 de abril de 2025. Nesse período, a vazão registrada foi de aproximadamente 500 litros por segundo. Apesar do volume significativo, não houve alagamentos nem feridos, já que o rio local é capaz de suportar até 20.000 litros por segundo.

Segundo as autoridades norueguesas, os invasores obtiveram acesso remoto aos sistemas da barragem explorando uma senha fraca, o que teria facilitado a invasão. O incidente foi atribuído a hackers pró-Rússia, embora a embaixada russa em Oslo tenha negado qualquer envolvimento e classificado as acusações como "infundadas e motivadas politicamente".

O ataque chamou a atenção pela ousadia: Os criminosos conseguiram manipular os sistemas de controle que regulam a vazão de água utilizada em uma estrutura de piscicultura. A vulnerabilidade exposta levantou preocupações sobre a segurança de infraestruturas críticas na Europa.

A chefe do Serviço de Segurança Policial da Noruega, Beate Gangås, destacou que a ação se insere em um contexto de intensificação das atividades de cibercriminosos ligados à Rússia: "O objetivo desse tipo de operação é influenciar e causar medo e caos entre a população em geral (…) Nosso vizinho russo se tornou mais perigoso."

Fontes a par do assunto relataram que o ponto central da falha foi justamente o uso de credenciais frágeis em uma página web que permitia o acesso remoto. No Telegram, circulou um vídeo mostrando detalhes técnicos do ataque, que continha marca d'água associada a um grupo hacker pró-Rússia.

Escrevendo em tempos de Inteligência Artificial

Estou escrevendo um novo livro. Seu lançamento, se tudo der certo, deverá ocorrer a tempo do Natal.

A estória se passa em um mundo distópico onde o vírus da COVID-19 foi absolutamente muito mais letal do que na realidade, e mais de 90% da população mundial morreu. O enredo se apoia na ideia de que um pai de família precisa empreender uma grande viagem, para conseguir um simples antibiótico para seu filho.

A coisa toda se situa mais ou menos entre o nosso mundo, a série The Walking Dead (só que sem os zumbis) e o livro Celular, de Stephen King (mas sem os celulares).

Esse será o meu 12° livro, sendo o primeiro escrito no que venho chamando de "A Era da Inteligência Artificial". Mas acalme seu coração. Juro que escrevi cada linha dele sem recorrer aos robôs!

Confesso ser um adepto convicto no uso das IA's para quase tudo.

Elas me ajudam a buscar normas, leis e jurisprudência no Escritório. Me auxiliam no tratamento de processos e documentos cada vez mais volumosos e até mesmo na organização da minha rotina diária, que conta com aproximadamente 18 horas.

Conheço advogados que se recusam a usar Inteligência Artificial alegando serem "raízes", e que ficam indignados com os colegas "Nutella".

Penso (e sei que não estou sozinho), que esses são profissionais desatualizados e que logo sucumbirão na cruel guerra pelo mercado.

Usar determinadas ferramentas não te faz melhor ou pior do que ninguém. Te faz mais eficiente, o que é fundamental em nossos dias!

Como vou lutar pelos direitos de meus clientes escrevendo à pena como o inigualável Dr. Rui Barbosa fazia, se juízes, promotores e os colegas que atuam na parte adversa, usam Inteligência Artificial em larga escala? Simplesmente impossível!

Antes que você possa pensar, erroneamente, que a IA escreve meus processos, informo que "quem manda sou eu".

Entenda que armas não matam, martelos não pregam e canetas não escrevem. Os responsáveis são sempre pessoas, para o bem e para o mal.

Os grandes jornais do mundo e do Brasil, como The New York Times, The Times, O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo usam Inteligência Artificial para produzir conteúdo de qualidade e em tempo real. Não seria um erro grave, se nós do Jornal A Bigorna não fizéssemos o mesmo? Penso que sim.

Entretanto, no mundo dos artigos de opinião e da escrita ficcional, a coisa muda completamente de figura.

Li essa semana no jornal Estado de Minas, uma entrevista, cujo link deixo ao final dessa coluna, uma entrevista com o escritor Sérgio Rodrigues, que acaba de lançar "Escrever é humano", obra que trata justamente do tema ora abordado.

Para o Autor, enquanto a IA é uma "prodigiosa máquina de clichês", a literatura verdadeira é o território do anticlichê, do inesperado, daquilo que descobrimos enquanto escrevemos. É uma distinção que vai além da técnica e toca o cerne da criação artística.

Tanto é verdade que, faltando dois capítulos para o fim do meu livro, ainda não sei o que acontecerá no final! A estória está se conduzindo sozinha, como deve ser!

Mas, voltando ao assunto, Sérgio Rodrigues não se deixa seduzir pelo pessimismo apocalíptico nem pelo otimismo ingênuo, e reconhece que o "nicho" da literatura pode se tornar ainda mais estreito, mas encontra nessa perspectiva uma oportunidade: "Uma comunidade excêntrica que teima em fazer com as próprias mãos um trabalho terceirizado às máquinas por quase todos."

O Escritor resumiu com perfeição o que penso sobre o assunto: "Para lidar com o processamento de informação, o robô é um espanto. Mas literatura é o contrário de informação."

E é exatamente aí que reside a chave para compreender por que a IA jamais substituirá a criação literária genuína. Enquanto a inteligência artificial é magnífica "no processamento horizontal de dados, a literatura exige um mergulho vertical no mundo das palavras, onde a linguagem é simultaneamente meio e fim".

Rodrigues, assim como eu, acredita que a escrita literária não é terceirizável porque é fundamentalmente um ato humano. "Cada palavra escolhida carrega o peso de uma decisão humana, cada pausa revela uma hesitação genuína, cada "erro" pode

abrir caminhos inesperados para a descoberta artística”, diz.

É preciso compreendermos que a ameaça não está na capacidade das máquinas de escrever, mas na nossa possível capitulação diante dessa facilidade, pois a Inteligência Artificial não é a nossa substituta.

A confiança nas capacidades humanas não deve ser abalada pela eficiência das máquinas, pelo contrário: As máquinas devem nos ajudar a fazer mais e melhor, como sempre fizeram, desde a idade da pedra.

A Inteligência Artificial me ajuda a escrever, mas não escreve por mim, porque quem manda sou eu!

--- -- ---

Link da entrevista:

https://www.em.com.br/pensar/2025/09/7257615-sergio-rodrigues-e-preciso-mostrar-ao-robo-quem-manda.html

A solidão ideológica nas escolas brasileiras

Essa semana, li um artigo do Professor Roberto Mota, que é Mestre pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na Revista Oeste.

Em seu artigo, cujo link se encontra no rodapé desta coluna, Mota relata as dificuldades vividas por professores cujo espectro ideológico tendam à Direita, no exercício da profissão, que aparentemente atrai mais pessoas identificadas com a Esquerda.

Pelo que pude apurar na minha experiência de aluno e professor voluntário por dois anos, existe um tipo de censura que não precisa de decreto: Aquela que se manifesta em olhares, em silêncios constrangedores, na exclusão sutil de debates.

No ambiente acadêmico brasileiro, particularmente no ensino superior, professores com posicionamentos conservadores ou liberais conhecem bem esse tipo de ostracismo.

Não se trata de perseguição declarada, mas de algo talvez mais pernicioso: A deslegitimação prévia de qualquer ideia que não se alinhe ao pensamento hegemônico de Esquerda.

Defender a livre iniciativa, a meritocracia, o armamento da população civil, questionar o tamanho do Estado, valorizar tradições familiares ou simplesmente declarar a fé em Deus pode significar a exclusão desse profissional, por parte dos demais pares.

Há uma ironia cruel nisso tudo. As mesmas instituições que ostentam bandeiras de diversidade e inclusão em suas fachadas praticam uma impressionante uniformidade ideológica em seus quadros docentes.

Diversidade de gênero, raça e orientação sexual — todas fundamentais — são celebradas. Mas diversidade de pensamento político? Essa parece ser a única que incomoda.

Por outro lado, professores de Esquerda convertem suas aulas em palanques políticos, diariamente, sem que sejam sequer repreendidos.

Tamanha hostilidade gera um ambiente onde o professor de Direita evita expor seus posicionamentos, algo que é terrível em qualquer lugar, especialmente nas escolas, onde, supostamente, se forma o pensamento crítico.

Os maiores prejudicados não são os professores de Direita, apesar de tudo. São os alunos, que estão privados do

confronto genuíno de ideias, da possibilidade de construir seu próprio pensamento a partir da exposição a diferentes perspectivas. Uma geração inteira está sendo formada em câmaras de eco ideológico, onde a discordância é tratada como heresia.

Se nada for feito, no longo prazo, esses alunos ocuparão os cargos de poder, as vagas de trabalho e todos os outros postos existentes na sociedade. E, assim, o Brasil seguirá sequestrado pela Esquerda e seu plano de poder perpétuo e maligno.

A Direita precisa entender, de uma vez por todas, que eleger o Presidente da República não resolve os nossos problemas. A mudança precisa vir de baixo e começar nas creches.

--- -- ---

Link do artigo:

https://revistaoeste.com/politica/as-dificuldades-de-ser-professor-de-direita-no-brasil/

Hitler, cinicamente, contra o tabaco

A história possui uma gama infinita de nuances a serem, por nós, analisadas. Principalmente os eventos grandiosos, como a Segunda Grande Guerra Mundial.

Já li mais de 80 livros sobre o maior conflito bélico que a humanidade protagonizou, e conhecia pouquíssimo sobre a agressiva campanha antitabagismo promovida pela Alemanha nazista — possivelmente a maior e mais organizada iniciativa contra o fumo da primeira metade do século passado.

E, por total ironia do destino, ela foi perpetrada por um dos regimes mais hediondos e genocidas da história humana.

Adolf Hitler, o Tampinha Austríaco, que era um ex-fumante compulsivo que chegava a consumir até 40 cigarros diários em sua juventude, transformou sua posterior aversão pessoal ao tabaco em política de Estado.

Após abandonar o vício por considerá-lo "um desperdício de dinheiro", o Ditador passou a enxergar o cigarro como "um veneno contra a sociedade", chegando ao ponto de classificá-lo, em seus delírios conspiratórios característicos, como "a vingança dos homens vermelhos contra o homem branco", em referência ao suposto (e falso) ódio que os povos indígenas tinham contra os brancos (arianos "superiores").

Essa obsessão pessoal, aliada aos estudos pioneiros do pesquisador Fritz Lickint, culminou em uma campanha que atingiu todas as camadas da sociedade alemã.

Lickint, ironicamente expurgado pelos nazistas em 1934 por razões políticas, havia publicado em 1935 o primeiro estudo revisado por pares que estabelecia a conexão irrefutável entre tabagismo e câncer. Sua monumental obra de 1939, Tabak und Organismus, compilava 8 mil estudos sobre os malefícios do fumo em 1.200 páginas — até hoje considerada a maior compilação acadêmica sobre o tema.

Enquanto a indústria tabagista o tratava como "o médico mais odiado", o regime nazista cooptava cinicamente suas pesquisas para embasar sua cruzada, ao mesmo tempo em que o punia com o seu envio ao front para atuar como médico de campo.

Seria tentador interpretar essa iniciativa como um raro momento de clarividência em meio à barbárie. Mas, obviamente não foi o caso: Em verdade, as motivações de Hitler eram tão toxicamente ideológicas quanto qualquer outra política nazista.

A campanha antitabagismo do fracassado Cabo Hitler não dizia respeito à saúde pública, mas sim sobre pureza racial e controle populacional.

Mulheres fumantes eram retratadas como inadequadas para gerar a "raça superior"; jovens arianos deveriam perseguir o ideal do übermensch, livre de vícios que pudessem "danificar o potencial genético" alemão.

E, claro, os nazistas rapidamente culparam judeus e "negros degenerados" pela disseminação do tabaco, transformando o câncer em uma "doença política" a ser combatida através de meios políticos, um claro eufemismo para extermínio de "seres inferiores" como deficientes, gays, negros, ciganos e judeus, dentre outros "inimigos".

O mais fascinante, porém, é que essa gigantesca máquina de propaganda foi um retumbante fracasso. Entre 1933 e 1937, o consumo de tabaco na Alemanha aumentou, em ritmo superior ao da França, que praticamente não tinha campanhas voltadas para o assunto.

Em 1941, Joseph Goebbels ordenou a suspensão das campanhas antifumo para não prejudicar industriais alemães leais ao Regime Nazista.

O próprio Hitler, que presenteava aliados com relógios de ouro caso abandonassem o vício, teve que aceitar, contrariado (porém não muito), a inclusão de cigarros nas rações militares.

Dados de 1944 revelam que 87% da Wehrmacht era composta por fumantes. O consumo só caiu de fato a partir de 1942, quando o Governo Alemão racionou a produção de cigarros para direcioná-la às tropas.

O epílogo dessa história revela outro lado igualmente perturbador da equação moral.

Após a guerra, os Aliados — especialmente os Estados Unidos — fizeram questão de enterrar rapidamente os estudos alemães, mesmo sendo cientificamente sólidos e revisados.

A estratégia americana e inglesa era simples e devastadoramente eficaz: "Se Hitler diz que é ruim, então só pode ser bom".

Baseados nessa premissa falsa, fabricantes americanos e britânicos promoveram ativamente o cigarro como hábito saudável, com endosso médico, enquanto o Plano Marshall enviava 93 mil toneladas de tabaco gratuito à Alemanha entre

1948 e 1949 para estabelecer mercado, ou, em português claro, viciar os alemães empobrecidos no final da Guerra.

Décadas depois, quando a conexão entre fumo e câncer se tornou inegável, a narrativa foi reescrita para atribuir aos EUA e Reino Unido a descoberta pioneira.

Essa manipulação custou inúmeras vidas. A indústria tabagista gastou fortunas desacreditando pesquisas legítimas simplesmente por associação com o regime nazista, criando uma cortina de fumaça (literalmente!) que atrasou políticas de saúde pública por décadas.

É uma demonstração clássica de como desacreditar adversários políticos através de associação — tática primitiva que permanece assustadoramente eficaz até nossos dias.

A lição aqui não é que devemos creditar Hitler com visão progressista em saúde pública. Seria obsceno e historicamente desonesto.

Suas motivações eram repugnantes, sua implementação estava contaminada por ideologia genocida, e os resultados práticos foram nulos.

Não foi um deslize de Lula. É plano de governo

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou nesta sexta-feira, 24, durante uma Visita de Estado (passeio que está fazendo na Indonésia às nossas custas), que traficantes de drogas também são vítimas dos usuários.

Além da colocação ser, no mínimo execrável por si só, ela foi feita no momento errado, pois o petista se referia à política do Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de confrontar os cartéis do narcotráfico na América Latina, com seus exércitos, o que reputo correto, mas isso é assunto para outra hora.

O ponto é que, irritar Trump há dois dias da reunião em que se pretende convencê-lo a baixar o tarifaço, retirar as sanções Magnitsky e de passaporte aos membros de alto escalão da República e evitar uma guerra com a Venezuela, não parece inteligente.

Como sei que os esquerdistas vão falar sobre o "contexto em que a frase foi dita", reproduzo-a integralmente:

"Toda vez que a gente fala de combater as drogas, possivelmente fosse mais fácil a gente combater os nossos viciados internamente. Os usuários são responsáveis pelos traficantes que são vítimas dos usuários também. Você tem uma troca de gente que vende porque tem gente que compra, de gente que compra porque tem gente que vende".

Após perceber que Lula havia "dilmado", o perfil oficial do Presidente se retratou nas redes sociais ao afirmar que a "frase foi mal colocada" e que mais importante que as "palavras" são as ações do governo no combate ao crime organizado.

Essa versão, é claro, foi a comprada pelos grandes veículos de comunicação, que adoram passar pano para Lula.

É óbvio que não se trata de uma "frase mal colocada", se trata de linha de pensamento, torpe, mas consciente, transformada em política de Estado, porque o PT mantém um "diálogo cabuloso" com integrantes do PCC, como sabido.

A tendência dos passadores de pano da República é minimizar o absurdo, mas a verdade é uma só: Lula adora inverter a lógica, para favorecer o crime, afinal, ele disse ainda em 2019, que não podia "ver mais jovem de 14 e 15 anos assaltando e sendo violentado, assassinado pela polícia, às vezes inocente ou às vezes porque roubou um celular".

Não se deixe enganar. A “frase infeliz” de Lula não foi um deslize, mas sim um plano maligno de Governo, que por descuido, foi divulgada.

Esse site é um playground para curiosos

Em meio a um volume absurdo de informações e dados oriundos das redes sociais, sites de notícias e afins, encontrar um oásis de criatividade na internet é uma coisa rara. É exatamente essa a sensação ao visitar o “Neal Fun”, algo como “Diversão do Neal”.

Criado por Neal Agarwal, o portal é um gabinete de curiosidades digitais — um convite à exploração e à descoberta. A premissa do site é oferecer uma coleção de experimentos interativos que provocam o pensamento, educam e, acima de tudo, divertem.

Cada "brinquedo" digital é uma pequena obra de arte em programação, design e comunicação, capaz de traduzir ideias complexas em experiências intuitivas e fascinantes. Ao navegar pelo site, o visitante se depara com uma variedade de projetos que despertam a curiosidade. Eis os destaques:

The Deep Sea (O Mar Profundo): Uma das experiências mais conhecidas, que nos convida a uma jornada de rolagem vertical desde a superfície do oceano até as profundezas abissais da Fossa das Marianas. A cada metro, descobrimos a fascinante fauna que habita diferentes zonas de pressão e escuridão, com informações sobre cada criatura. É uma aula de biologia marinha disfarçada de uma elegante animação.

Spend Bill Gates' Money (Gaste o Dinheiro de Bill Gates): Quer ter uma noção do que significa a fortuna de um bilionário? Este simulador lhe dá o "singelo" saldo de 90 bilhões de dólares e uma lista de compras que vai de um hambúrguer a um time da NBA. A experiência é uma forma brilhante de visualizar a magnitude da riqueza extrema.

Asteroid Launcher (Lançador de Asteroides): Já se perguntou qual seria o impacto de um asteroide caindo em sua cidade? Nesta ferramenta, você pode escolher o tipo de asteroide, seu tamanho, velocidade e o local do impacto em um mapa-múndi. O simulador calcula em detalhes a cratera, a bola de fogo, o terremoto e o número estimado de vítimas. É uma aula de física e geologia com um toque de "filme-catástrofe".

Life of a Genius (A Vida de um Gênio): Uma linha do tempo interativa que compara a sua idade atual com as realizações de grandes gênios da história, como Albert Einstein e Marie Curie, na mesma fase da vida. É uma dose de humildade e inspiração.

Essas são somente algumas das muitas curiosidades existentes no site. Por isso, recomendo fortemente que você clique no link que deixei no rodapé da coluna.

O que torna o site especial é que não há anúncios invasivos ou necessidade de cadastro. A recompensa é o conhecimento adquirido e o prazer da descoberta.

Em um ambiente digital frequentemente movido por engajamento a qualquer custo, o site é um lembrete do poder da curiosidade, por isso, é fundamental para pais que buscam conteúdo inteligente para seus filhos, para educadores que precisam de ferramentas visuais ou para qualquer pessoa que deseje se divertir.

Visitar o site é como voltar ao passado e acessar a internet apenas e tão somente para aprender e se divertir, como acontecia em meados dos anos 90.

--- -- ---

Link do site: https://neal.fun/

Itamar ameaçou explodir Furnas para afrontar FHC

Li recentemente no jornal O Estado de São Paulo, uma matéria fascinante que resgata apenas mais um, dos muitos episódios surreais da política brasileira.

Eu já conhecia a história porque meu pai sempre a conta.

O ano era 1999, e Itamar Franco, ocupava o posto de Governador de Minas Gerais.

O político mineiro era bravo e estava muito rancoroso. Assim não demorou nada para que ele entrasse em rota de colisão com o Governo Federal, de Fernando Henrique Cardoso, para impedir a venda de Furnas – um embate que ecoa na política mineira até hoje.

Imagine a cena: cerca de 2.500 policiais militares de Minas Gerais desembarcando na região do lago da represa de Furnas, em Capitólio (MG), para "exercícios militares" em outubro de 1999. Mas não era só treino de rotina. Havia o risco real de que explodissem o dique da represa que abastecia a usina hidrelétrica federal. "Isso é coisa do governador", disse o comandante da operação ao ser questionado pela imprensa no local, na oportunidade.

Para quem não sabe, Itamar Franco, era Ex-Presidente da República e filiado ao PMDB na época.

Sua guerra declarada era contra o Presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e a tentativa de privatizar Furnas.

O plano de Itamar era direto, pelo menos no papel: Romper o dique desviaria as águas do Rio Grande para o Rio São Francisco, de modo a desabastecer a represa e, consequentemente, reduzir a capacidade dela, de gerar energia.

Isso tornaria a empresa menos lucrativa e menos atraente para compradores.

"Furnas, enquanto Governador for, só será privatizada com a intervenção das Forças Armadas. E assim mesmo eu quero ver", desafiou Itamar à época, em uma das muitas declarações que flertavam com a ideia de um confronto entre a Polícia Militar de Minas Gerais e o Exército Brasileiro.

O Ex-Deputado Sávio Souza Cruz, que atuou como Secretário no Governo Itamar, sugeriu ao Chefe vestir o uniforme de "Comandante Supremo da Polícia Militar". "Ele gostou da ideia, mas depois a ala mais conservadora do Governo o demoveu", contou Souza Cruz, quase três décadas depois.

Segundo ele, Itamar contava que o simples movimento de tropas espantaria investidores. "Ele dizia: 'Imagina que você é uma velhinha na Suíça e seu manager de investimento quer aportar dinheiro numa usina que fica em um Estado em que o Governador é um Ex-Presidente e está ameaçando explodir a Represa'. Não tinha jeito", contou.

Naquele momento, a ação foi vista como uma jogada de marketing para marcar oposição a FHC, mas a mágoa de Itamar era profunda: Seu Ex-Ministro da Fazenda recebera os louros pelo Plano Real, e ele esperava suceder o tucano em 1998. Mas FHC aprovou a reeleição no Congresso, venceu nas urnas e governou por mais quatro anos – Itamar até anunciou candidatura, mas o PMDB optou por apoiar o PSDB em uma convenção caótica.

A Ex-Repórter do Estadão, Ivana Moreira, enviada especial a Capitólio na oportunidade, lembra que a mobilização durou de três a quatro dias e terminou sem explosões. "Era tudo jogo de cena. Na verdade, era um treinamento de rotina da corporação, que já estava agendado, e ele [Itamar] aproveitou aquilo para reforçar a encenação, aumentando absurdamente o número de pessoas que participavam do treinamento para mandar um recado político (...) Eu escrevi em uma das matérias que era a República do Pão de Queijo contra o McDonald's", lembra Ivana, aludindo à postura nacionalista de Itamar contra a entrada do capital estrangeiro em setores estratégicos, política incentivada por FHC.

Furnas não foi o único front de batalha. Logo ao assumir, Itamar declarou moratória da dívida mineira, suspendendo pagamentos à União e a bancos estrangeiros, agravando a crise cambial no início do segundo mandato de FHC. Em retaliação, o Presidente cortou repasses federais a Minas.

"Itamar [Franco] corcoveando com o negócio da dívida, não quer pagar. O que quer, na verdade, é criar um caso político. Daqui a pouco vou ter que dar uma paulada firme nele", escreveu FHC em seu diário, aos 3 de janeiro de 1999. No dia 11, ele prosseguiu: "Enfim, são circunstâncias com as quais vou ter que lidar nos próximos quatro anos. Itamar dará trabalho o tempo todo porque ele tem mágoa, despeito, quer voltar à Presidência".

Em 2000, Itamar mobilizou a PM novamente, desta vez para proteger o Palácio da Liberdade de um suposto plano federal de invasão com tropas. Isso veio após o MST ameaçar uma fazenda da família de FHC em Buritis (MG). O presidente enviou o Exército, alegando que Itamar ignorara pedidos para ação preventiva da PM.

O Advogado José Murilo Procópio de Carvalho, então Conselheiro da OAB e parte de uma Comissão com a hoje Ministra do STF Cármen Lúcia, deu suporte jurídico contra a privatização. "Fui recebido por Itamar no Palácio e me deparei com uma armação de tropas ali nos jardins do Palácio, com fuzis, armas expostas, jipe também, como se esse pessoal fosse para a guerra", afirmou.

"O Itamar guardava o ódio no congelador", acrescenta Carvalho, brincando com uma frase de Tancredo Neves sobre o Ex-Presidente.

A operação enfrentou resistência no Congresso, e FHC não privatizou Furnas. A Estatal só foi vendida no Governo Bolsonaro, com a Eletrobras – em 2024, incorporada à empresa-mãe.

O legado de Itamar persiste: Em 2001, ele aprovou a exigência de referendo popular para privatizar a CEMIG e a COPASA, empresas de energia e saneamento em Minas. O atual Governador Romeu Zema (Novo) tenta reverter isso.

Inicialmente, quis eliminar o referendo para ambas, mas recuou para só a COPASA, pois a CEMIG deve ser cedida ao Governo Federal para abater dívidas do Estado de Minas Gerais para com a União. A PEC está pronta para votação.

Essa história, contada pelo Estadão, mostra como velhas rixas moldam o presente.

Em nossos dias, supostos experts em política gostam de dizer que vivemos em tempos de polarização, o que passa longe da verdade, pois a política brasileira sempre teve seu lado explosivo – literal e figurado.

Guia Michelin: De marketing a ícone gastronômico

Quem me conhece pessoalmente sabe que sou gordo. Isso não me afeta sob o ponto de vista da autoestima. Eu poderia dizer que isso se deve ao fato de eu ser cadeirante. Mas tal afirmação só responde a parte da coisa toda. O motivo principal disso é que eu realmente gosto de comer boa comida.

E, por "boa comida", entenda "comida bem-feita", e não necessariamente "comida cara". Sou capaz de comer, com a mesma alegria, miojo e um copo de Coca-Cola ou uma lagosta com uma taça de Champagne.

Quem curte comer, cozinhar e aprender sobre comida, valoriza o Guia Michelin, por sua excelência.

Mas você conhece a história dessa lenda da culinária mundial? É disso que nós vamos falar hoje!

A história é surpreendente e já começa com uma curiosidade: Ele não nasceu de uma paixão pela culinária, mas sim de uma estratégia astuta para vender pneus. Isso mesmo!

Nos idos de 1889, na cidade francesa de Clermont-Ferrand, os irmãos André e Édouard Michelin fundaram a empresa de pneus que leva seu nome.

Naquela época, os automóveis eram uma novidade rara – estima-se que havia apenas cerca de 3 mil carros na França. Para estimular o mercado e, consequentemente, o consumo de pneus, André Michelin teve a ideia genial de criar um guia de viagens gratuito.

O "Guia Vermelho", como ficou conhecido, oferecia mapas, locais para reparos mecânicos, postos de gasolina e recomendações de hotéis e restaurantes. Era, essencialmente, um incentivo para que as pessoas dirigissem mais, explorassem o país e gastassem seus pneus no processo.

O Guia evoluiu rapidamente. Inicialmente distribuído de graça para motoristas, ele começou a cobrar uma taxa em 1920, sinalizando sua transição de propaganda para uma publicação autônoma. Um marco crucial veio em 1926 (ou 1929, dependendo da fonte), com a introdução do sistema de estrelas para classificar restaurantes: Uma estrela para "cozinha excelente", duas para "excepcional" e três para "excelência suprema". Essa classificação, mantida em sigilo pelos inspetores anônimos da Michelin, elevou o Guia a um status de autoridade gastronômica.

Expansões internacionais seguiram: A primeira edição portuguesa surgiu em 1910, com estrelas a partir de 1929; o

guia chegou a cidades como Paris, Londres e, em 2008, Tóquio, onde oito restaurantes receberam três estrelas logo na estreia.

Ao longo dos anos, o Guia Michelin incorporou novas distinções para se adaptar aos tempos. Em 1997, surgiu o Bib Gourmand, premiando restaurantes com boa relação qualidade-preço, e em 2020, a Estrela Verde, focada em sustentabilidade gastronômica.

Hoje, o Guia abrange mais de 45 mil estabelecimentos em dezenas de países, incluindo edições para Alemanha, Espanha, Estados Unidos e até o Brasil, com foco em São Paulo e Rio de Janeiro. Em Portugal, por exemplo, 2024 marcou um recorde com 39 restaurantes estrelados, incluindo oito com duas estrelas e cinco com Estrelas Verdes.

Esses números impressionam, mas penso que o verdadeiro legado do Guia está em como ele moldou a profissão de chef: De artesãos locais a celebridades globais, impulsionando turismo e economias.

Olhando para o futuro, o Guia Michelin continua relevante em uma era digital, competindo com apps como TripAdvisor e Yelp. Isso porque sua trajetória é uma lição de como uma ideia simples pode revolucionar o Mundo. De um panfleto para motoristas a um árbitro global da alta cozinha, ele prova que inovação e comércio andam de mãos dadas.

E você, já comeu em algum restaurante que ostenta alguma das estrelas do Guia Michelin?

Se estiver a fim de aproveitar as férias para curtir a boa gastronomia, acesse o site:

https://guide.michelin.com/br/pt_BR

Natal na Guerra: A fraternidade na turbulência

A semana do Natal, período em que celebramos o nascimento de Cristo, é ideal para reacender a esperança e a crença em um mundo melhor.

Entretanto, em um planeta marcado por conflitos que disseminam dor em diversas regiões, surge a dúvida sobre como preservar a confiança no potencial humano.

A trajetória histórica, porém, fornece relatos que demonstram que, até nos períodos mais obscuros, surgem atos de empatia capazes de reforçar nossa habilidade em sustentar ideais que expressam o afeto e amor ao próximo, assim como fez Jesus.

Um desses capítulos que inspiram otimismo é particularmente significativo para os brasileiros. Ele envolve os combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB) nos campos de guerra italianos, ao longo da Segunda Grande Guerra Mundial.

Em plena devastação e sob o rigoroso inverno de 1944-1945, os militares brasileiros, frequentemente lidando com a falta de suprimentos próprios, partilharam suas provisões com as comunidades locais, priorizando mulheres e crianças.

Essas ações modestas converteram o desespero em perspectiva positiva, gerando legados tão persistentes que, até os dias atuais, são contados com reconhecimento nas localidades resgatadas por nossos heróis, os Pracinhas.

O alcance dessas iniciativas foi tão notável que chegou aos ouvidos do Papa Pio XII, que supostamente teria dito que, “onde há tropas brasileiras, as crianças italianas não sofrem com a fome”.

Outro caso, esse amplamente divulgado, refere-se ao “Milagre de Natal”, uma pausa informal e voluntária nos combates entre forças britânicas, belgas e alemãs, em múltiplos setores da linha de frente no Natal de 1914, durante a Primeira Grande Guerra Mundial, um confronto não tão “celebrado” quanto a Segunda Guerra, mas que foi tão ou até mais cruel na longa escala das degradações humanas, pois vitimou 22 milhões de pessoas.

Na oportunidade, o sistema de trincheiras já estava consolidado, com os combatentes expostos a explosões constantes, barro e enfermidades.

Na data festiva, contudo, de forma inesperada, os soldados de lados opostos abandonaram suas posições, sem armas, e

interagiram, entoando canções de Natal, permutando cigarros e víveres, e inclusive disputando jogos de futebol. Por instantes fugidios, deixaram de lado o rancor e a brutalidade impostos pelo cenário bélico.

A interrupção foi passageira, e as hostilidades logo foram retomadas, mas o episódio ganhou lugar na memória coletiva como um emblema impactante da aptidão humana para descobrir otimismo e generosidade, mesmo no epicentro da desordem, afinal, as guerras podem ser comuns e até necessárias, mas nunca serão triviais.

Os referidos precedentes históricos são emblemáticos, mas longe de serem isolados. Ao observar com mais cuidado, identificamos inúmeros outros ocorrendo agora mesmo, em diversas partes do globo. Eles se diluem no meio da confusão gerada por guerras, disputas e agruras cotidianas, nesse redemoinho de eventos que nos cerca, mas funcionam como pilares para sustentar a convicção no futuro da espécie humana, apesar de tudo.

O Natal nos recorda que, mesmo nas fases mais tenebrosas, a compaixão e o afeto pelo outro podem dissipar as sombras, ainda que por curtos períodos.

As condutas dos militares brasileiros na Itália e a suspensão improvável nos fronts da Primeira Grande Guerra Mundial revelam que os indivíduos podem superar o antagonismo e a agressão, inclusive em ambientes de confronto.

Provavelmente a humanidade jamais eliminará as guerras e o padecimento como método de alcançar seus objetivos, sejam eles justos ou não, mas enquanto houver manifestações de altruísmo, persiste a perspectiva.

Que o clima natalino nos motive a fomentar essas práticas em nossa rotina, tendo em mente que, por vezes, um gesto de empatia pode ser o elo que preserva viva a centelha do otimismo e o amor de Cristo.

Mirante da Pedra do Índio

Faz tempo que ouço falar e vejo fotos do Mirante da Pedra do Índio, na vizinha cidade de Botucatu. E nesse final de semana passado, decidimos ir até lá para ver de perto.

Os últimos 7Km do caminho são de terra, mas bastante acessíveis para todos os tipos de carros, eis que não existem ladeiras muito íngremes ou sem pedregulho para conferir tração aos veículos.

Chegando no Ecoparque Pedra do Índio, é possível ver diversos animais como patos, galinhas, carneiros, vacas e cavalos, o que é bem legal. Inclusive os pequenos podem dar a famosa volta de pônei pelo local.

O restaurante é padrão, ou seja, não se destaca, mas também não decepciona. Porém, o excesso de moscas atrapalha sobremaneira a alimentação. Eu mesmo perdi dois copos de cerveja no prazo de 15 minutos, para os mosquitos.

Entretanto, nada disso importa. Afinal, o parque está localizado no município de Botucatu, divisa com Bofete e próximo de Pardinho, um lugar realmente lindo e conhecido como “Cuesta Paulista”.

Uma “cuesta” é um tipo de relevo caracterizado por colinas ou montes com um lado suave e o outro íngreme. A palavra vem do espanhol e significa encosta. Em geologia, refere-se a um cume assimétrico com inclinação suave e prolongada.

E, justamente por isso, caso você se disponha a fazer uma trilha não tão fácil, mas rápida, chegará ao Mirante Pedra do Índio, um deck de madeira que possui 170M², e é montado bem nas extremidades do Paredão da Cuesta, onde as escarpas chegam a atingir até 60 metros de altura.

Se você for uma pessoa corajosa, pode até fazer rapel lá!

De lá, a vista é absolutamente deslumbrante, o que chamam hoje na internet de “vista instagramável”. Caso seja possível para você, o nascer e o pôr do Sol devem ser realmente impressionantes se vistos de lá, assim como poder ver uma tempestade bem forte chegando, o que não foi o meu caso.

Uma curiosidade é que se você fizer o rapel, descerá na trilha do Peabirú, que faz parte do Caminho do Peabiru, que foi uma antiga trilha indígena que conectava os Andes ao Atlântico, ligando Cusco (Peru) ao litoral paulista (Brasil). Com aproximadamente 3.000 km, atravessava territórios de diversos países sul-americanos. O nome "Peabiru" vem do tupi, significando "caminho amassado" ou

"caminho para o céu", refletindo sua importância simbólica e prática para os povos indígenas, que o usavam para comércio, migração e rituais.

Sua origem remonta a cerca de 400 d.C., e ao longo dos séculos, foi utilizado por diferentes povos, incluindo os incas e guaranis. A rota facilitava o intercâmbio de produtos como sal, metais e alimentos entre o interior e o litoral. Após o contato com os colonizadores europeus, o caminho foi abandonado, mas vestígios ainda são encontrados em algumas regiões, como no Paraná e São Paulo.

Pesquisas mais recentes têm identificado e preservado trechos do caminho, com alguns segmentos abertos à visitação pública, como no Ecoparque Pedra do Índio. A trilha também foi relacionada a expedições coloniais e missões jesuíticas, além de ter influenciado o desenvolvimento de algumas rotas modernas, como a rodovia Raposo Tavares.

Resumindo: É um passeio bom? É! Eu voltaria? Não... Acredito que existem lugares e experiências que são únicas na vida e assim deve ser.

--- -- ---

Para maiores informações, acesse o site do Ecoparque, qual seja: https://pedradoindiobotucatu.com.br/

Joe Girard: O maior vendedor da história

Joe Girard, reconhecido como o maior vendedor da história, entrou para o Guinness Book em 1973 ao bater o recorde de vendas de automóveis, com incríveis 1.425 carros vendidos em apenas 12 meses. Isso equivale a cerca de 120 carros por mês, ou quase 5 vendas por dia, considerando que ele trabalhava de segunda a sábado. Sua trajetória é um exemplo de determinação, estratégia e habilidades excepcionais em vendas, que continuam inspirando profissionais até hoje.

Então, se você é estudioso sobre a mente humana ou trabalha com público em geral, especialmente com vendas, essa coluna é para você!

Nascido em 1° de novembro de 1928, em Detroit, Joe Girard veio de uma família humilde. Seu pai, Antonino Girardi, um imigrante siciliano, era extremamente crítico e duvidava do potencial do filho, dizendo que ele nunca faria nada de valor na vida. Por outro lado, sua mãe era sua maior incentivadora, sempre acreditando no sucesso futuro de Joe. Essa combinação de desafios e apoio familiar moldou sua personalidade resiliente e motivada.

Desde cedo, Joe trabalhou duro para ajudar a família. Aos 9 anos, ele já entregava jornais e, ao longo dos anos, desempenhou diversos trabalhos, como mensageiro, lavador de pratos, montador de fogões e operário na construção civil. Essas experiências o prepararam para enfrentar desafios e desenvolver uma ética de trabalho incansável.

Aos 35 anos, Joe conseguiu seu primeiro emprego como vendedor em uma concessionária de carros em Detroit. Apesar de inicialmente enfrentar ceticismo por parte do Gerente, ele fechou sua primeira venda no primeiro dia. No entanto, seu sucesso rápido gerou ciúmes entre os colegas, que o acusaram de ser "agressivo demais" e conseguiram demiti-lo.

Determinado, Joe não desistiu. Ele conseguiu um novo emprego na Merollis Chevrolet, em Eastpointe, Michigan, onde começou a construir sua reputação como um vendedor excepcional. Foi lá que ele estabeleceu um recorde impressionante: vendeu mais de 13.000 carros ao longo de 15 anos, com uma média de 5 a 6 vendas por dia. Em seu melhor dia, ele fechou incríveis 18 vendas.

Joe Girard não era apenas um vendedor talentoso; ele era um mestre em construir relacionamentos e criar uma experiência memorável para seus clientes.

Dentre as suas estratégias, as mais notáveis são:

1. Respeito e Atendimento ao Cliente: Joe acreditava que responder a todas as ligações e e-mails era essencial. Ele também se esforçava para tirar as dúvidas dos clientes rapidamente, demonstrando respeito e profissionalismo.

2. Honestidade e Reputação: Para Joe, a honestidade era a chave para conquistar a confiança dos clientes. Ele acreditava que uma boa reputação pessoal era fundamental para garantir vendas recorrentes.

3. Foco no Pós-Venda: Para ele, a venda só começava depois que o cliente saía da loja. Manter o contato e garantir a satisfação do cliente era essencial para fidelização e indicações.

4. Técnicas de Indicação: Joe foi um pioneiro em estratégias de indicação. Ele pagava US$ 25, que era uma quantia significativa na época, para cabeleireiros, barbeiros e outros profissionais que indicassem clientes a ele. Como resultado, uma em cada três vendas vinha de indicações.

5. Agenda Organizada: Joe mantinha uma rotina disciplinada, com uma agenda diária que o ajudava a gerenciar seu tempo e priorizar atividades de alto valor, como fechar negócios.

6. Cartas de Agradecimento: Ele enviava 13 cartas de agradecimento por ano para cada cliente, uma para cada mês e uma adicional no Natal. Esse gesto simples, mas poderoso, ajudava a manter seus clientes engajados e lembrados.

7. Tratamento Igualitário: Joe tratava todas as pessoas com respeito, desde os clientes até os colegas de trabalho. Ele organizava confraternizações anuais para sua equipe e familiares, criando um ambiente de trabalho harmonioso.

Joe acreditava que a preparação era a chave para o sucesso em vendas. Ele sempre pesquisava sobre seus clientes,

entendia suas necessidades e antecipava suas expectativas. Durante as conversas, ele observava atentamente as expressões faciais dos clientes, buscando sinais de interesse, dúvida ou decepção.

Além disso, ele sabia que manter o contato com os clientes era vital, mesmo que a venda não fosse concretizada imediatamente. Ele entendia que um cliente satisfeito poderia indicá-lo a outras pessoas ou retornar para comprar no futuro.

Após se aposentar, Joe compartilhou sua experiência em livros como "Como Vender Algo a Qualquer Pessoa" e "13 Recomendações Essenciais de Venda", em tradução livre. Ele também se tornou um palestrante e consultor de vendas renomado, inspirando milhares de profissionais ao redor do mundo.

Em 2017, quando outro vendedor tentou quebrar seu recorde no Guinness Book, Joe contestou a tentativa, e o livro dos recordes decidiu não validar a nova marca. Até o fim de sua vida, ele manteve o título de maior vendedor da história, administrando um site onde compartilhava conselhos e histórias de sua carreira.

Joe Girard não foi apenas um vendedor excepcional; ele foi um visionário que entendeu a importância dos relacionamentos, da honestidade e da satisfação do cliente. Suas estratégias e lições continuam relevantes, mostrando que o sucesso em vendas vai além de técnicas de persuasão – é sobre construir conexões genuínas e entregar valor. Sua história é um testemunho de como a determinação, a disciplina e o foco no cliente podem levar ao sucesso extraordinário.

Cérebro não faz autolimpeza sob efeito de remédios para o sono

Um estudo realizado no início de 2024 revelou que o cérebro realiza um processo de autolimpeza durante o sono, eliminando detritos acumulados enquanto estamos acordados. Esse processo é crucial para reduzir o risco de doenças degenerativas graves, como o Alzheimer.

No entanto, tal processo só ocorre se o sono for natural, de modo que o uso de algumas substâncias – como remédios para dormir e anestesias - impedem que a "faxina" cerebral ocorra.

Como aprendemos na escola, o cérebro não desliga completamente durante o sono, e continua realizando diversas atividades, tais como controlar nossos órgãos, sonhar e até mesmo se regenerar. Isso mantém a atividade cerebral baixa, porém obviamente ativa. Isso gera uma produção de ondas rítmicas pelos neurônios, que estão associadas ao sistema glinfático.

Esse sistema, também chamado de paravascular, é composto por uma rede de canais que é responsável por remover detritos do sistema nervoso central, já que o cérebro não possui vasos linfáticos. O sistema glinfático trabalha em conjunto com outros mecanismos para eliminar fragmentos de proteínas e realizar a troca de fluidos no cérebro.

E tudo isso cansa. Muito embora o cérebro represente apenas 2% da nossa massa corporal, ele consome algo entre 20% a 25% da energia que consumimos diariamente, o que representar cerca de 500 calorias.

Toda essa atividade, gera resíduos que precisam ser eliminados, pois o acúmulo desses fragmentos de proteínas no cérebro está associado a doenças degenerativas, tornando a tal limpeza em algo essencial para a nossa saúde cerebral.

Os cientistas aparentemente já desconfiavam disso, mas em fevereiro de 2024, um estudo da Escola de Medicina da Universidade de Washington em St. Louis, nos EUA, analisou o cérebro de ratos durante o sono. Pesquisas subsequentes replicaram os resultados, mas todas tinham um ponto em comum: os animais estavam anestesiados.

A equipe da Dra. Natalie Hauglund, da Universidade de Oxford, no Reino Unido, decidiu investigar se haveria diferenças no processo de limpeza glinfática quando os ratos dormiam naturalmente. Isso trouxe um desafio: a anestesia facilita o controle das cobaias e a realização de exames de imagem

cerebral, mas como observar a atividade cerebral em animais ativos?

A solução foi usar a fotometria de fibra, um método que envolve a instalação de um eletrodo na cabeça dos ratos. Assim, eles foram observados enquanto estavam acordados e durante o sono natural, especialmente no estágio NREM, que corresponde a cerca de 80% do tempo dormido. É nessa fase que o cérebro inicia a limpeza glinfática. A equipe da Dra. Hauglund descobriu que a norepinefrina é liberada em ciclos de um minuto durante o sono NREM. Quando os níveis desse neurotransmissor aumentam, os vasos sanguíneos se contraem, os espaços perivasculares se expandem e são preenchidos com LCR, que contém detritos.

Quando os níveis de norepinefrina diminuem, os vasos se dilatam, o sangue retorna e o LCR é expulso, sendo substituído por líquido intersticial (LI), que posteriormente se transforma em linfa e remove os resíduos do sistema nervoso.

No entanto, quando os ratos foram sedados com zolpidem, um popular remédio para dormir, todo o mecanismo de limpeza foi desativado. O mesmo ocorre com anestesias, o que significa que estudos anteriores podem ter sido comprometidos por metodologias que não consideravam o sono natural.

Complicado de entender, não é mesmo? Mas a conclusão do estudo é simples: O uso prolongado de remédios para dormir impede a limpeza glinfática, essencial para eliminar resíduos metabólicos. Com o tempo, o acúmulo desses detritos aumenta o risco de doenças como Alzheimer e Parkinson, especialmente em idades mais avançadas.

Segundo a Dra. Hauglund, a pesquisa serve como um alerta para o desenvolvimento de medicamentos para dormir mais seguros, que não interfiram na limpeza cerebral. O objetivo é garantir que pessoas com insônia e outros distúrbios do sono possam dormir bem sem comprometer a saúde do cérebro a longo prazo.